

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção
Campus Ipiranga

Celso Rogério San-Tana Teixeira

O ESPÍRITO SANTO NA OBRA LUCANA

São Paulo
2023



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção
Campus Ipiranga

Celso Rogério San-Tana Teixeira

O ESPÍRITO SANTO NA OBRA LUCANA

Apresentação da Monografia Teológica à Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, para a obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Ms Pe Felipe Cosme Damião Sobrinho.

São Paulo
2023

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. O ESPÍRITO SANTO NA TEOLOGIA NO ANTIGO TESTAMENTO	
1.1 O que dizem as fontes?.....	6
1.2 O Espírito Santo e as lideranças.....	14
1.3 O Espírito Santo e os profetas.....	16
1.4 Símbolos e imagens do Espírito Santo no Antigo Testamento.....	17
2. ESPÍRITO SANTO NO EVANGELHO ESCRITO POR LUCAS E NOS ATOS DOS APÓSTOLOS (FONTES LUCANAS SOBRE O ESPÍRITO SANTO)	
2.1 O Espírito Santo como pessoa na obra lucana.....	19
2.2 Entendimento sobre o Espírito Santo nas primeiras Comunidades Cristãs e no Evangelho.....	21
3. AS DISCUSSÕES SOBRE O ESPÍRITO SANTO NA PATRÍSTICA, NOS CONCÍLIOS E SUA RELAÇÃO COM A TRINTADE NO CAMINHO DO POVO DE DEUS.	
3.1 Abordagens sobre o Espírito Santo na Patrística.....	26
3.2 A discussão sobre o Espírito Santo nos concílios.....	30
3.3 Os dons do Espírito Santo.....	33
4. O ESPÍRITO SANTO ENSINADO PELO MAGISTÉRIO DA IGREJA E O ENTENDIMENTO PELOS FIÉIS EM NOSSOS DIAS; ORAÇÕES E CANTOS	
4.1 As abordagens sobre o Espírito Santo nas encíclicas.....	36
4.2 O entendimento sobre o Espírito Santo nos nossos dias.....	46
4.3 Orações e cantos sobre o Espírito Santo.....	48
CONCLUSÃO	58
BIBLIOGRAFIA	61

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta dentro das tradições do Antigo Israel, uma visão de como se dava a presença do Espírito de Deus e, como se manifestava nas diversas condições da natureza ou na própria pessoa. A Sagrada Escritura fala dos diferentes modos com que o Espírito agia desde os primórdios, quer seja com as manifestações na natureza, quer seja atuando nas pessoas. O livro do Gênesis apresenta no seu início a presença do “Espírito de Deus pairando sobre as águas” (Gn 1,2). Vemos a ação do Espírito Santo na história do Antigo Israel e, mesmo com compreensões diferentes das atuais por parte das profissões de fé, há uma presença constante do Espírito atuando na vida do Povo de Deus, chegando em termos das Escrituras, até o Livro do Apocalipse, “O Espírito e a Esposa dizem, Vem! Que aquele que houve diga também: Vem! Que o sedento venha, e quem o deseja receba gratuitamente água da vida” (Ap 22,17).

Diante disso, quais os conhecimentos que tinham nas primeiras comunidades cristãs à respeito do Espírito Santo, principalmente na obra lucana e, também os conhecimentos que hoje existem em nossas comunidades eclesiais? Qual o entendimento inicial e atual que há sobre a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade?

Entre as pessoas da Santíssima Trindade, o Espírito Santo é a que tem uma abordagem ainda pequena, pois a falta ou carência em associar sua imagem física dentro de algo tangível, constitui uma limitação em trabalhar mais o tema e, em desenvolver reflexões com demonstrações visuais ou ilustrativas: (As imagens – “O canto do Espírito” - Raniero Cantalamessa). A imagem de pomba, que associamos a presença do Espírito Santo, ou mesmo as outras manifestações do Espírito entendidas no Antigo Testamento (ar, vento, sopro), não permitem uma reflexão no aspecto físico, isso se apresenta como uma dificuldade em dissertar sobre o tema. Ainda assim, torna-se muito importante o aprofundamento ao tema, pois trata-se de falarmos a respeito da unidade entre o Pai e o Filho; do amor entre o Pai e o Filho; Daquele que nos traz os dons e que nos faz recordar de todas as coisas que Jesus nos ensinou, enfim, é o próprio Deus em meio a nós.

Dentro da abordagem específica para o Evangelho segundo, Lucas, está posto um desenvolvimento concedido ao tema do Espírito Santo, que menciona 36 vezes o termo espírito. A ação do Espírito na época de Israel é vista por Lucas com uma atenção especial ao dizer que no Antigo Testamento o Espírito Santo falava pela boca dos profetas: “...era preciso que se cumprisse aquilo que o Espírito Santo, por

meio de Davi, tinha anunciado na Escritura...” (At 1,16; cf. 4,25; 28,25). Desta forma, cada vez que ele se refere aos anúncios proféticos, menciona explicita ou implicitamente a atuação do Espírito. Também relata a atuação do mesmo Espírito através de outros personagens bíblicos. Na concepção de Jesus relata a conversa do Anjo com Maria e a ação criadora do Espírito Santo. No batismo de João e o batismo de Jesus, que será encarregado de derramar o Espírito sobre toda a humanidade.

O Espírito Santo será agora doado aos discípulos e a todos que o pedirem, como uma resposta a promessa que Deus fizera no Antigo Testamento. Não se trata mais de uma presença em apenas um certo momento por ocasião de uma atividade ou missão. Ele estará conosco e permanecerá conosco a partir de um certo momento: “A Ressurreição de Jesus”.

A ação do Espírito Santo a partir da Encarnação do Verbo nos ajuda a compreender, ao longo da missão, Sua Messianidade, como Jesus atesta na pregação na sinagoga de Nazaré em Is 61,1-2: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção...”. Coloca a presença do Espírito Santo como Aquele que o acompanha em todos os momentos e que realiza o querer do Pai. O pecado contra o Espírito Santo é visto por Lucas como a negação ou a contradizer as confissões dos discípulos sobre Jesus, pois os mesmos “discípulos”, estarão sob a assistência do Espírito. O mesmo Espírito é que irá dar força aos discípulos em todas as ocasiões.

Este trabalho está dividido em 04 capítulos, que iremos tratar doravante, sendo: 1- O Espírito Santo no Antigo Testamento; 2- Espírito Santo no Evangelho escrito por Lucas e no Atos dos Apóstolos (Fontes lucanas sobre o Espírito Santo); 3 - As discussões sobre o Espírito Santo na Patrística, nos Concílios e relação com a Trindade no caminho do Povo de Deus; 4- O Espírito Santo ensinado pelo Magistério da Igreja e o entendimento pelos fiéis em nossos dias, orações e cantos.

Capítulo 1

O ESPÍRITO SANTO NA TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO

O que dizem as fontes?

Além das várias citações nas Sagradas Escrituras, alguns autores trouxeram em seus escritos dados e ou manifestações através da Tradição e do Magistério da Igreja, algumas reflexões que merecem ser abordadas e aprofundadas para que haja uma concepção sobre a presença e manifestação do Espírito Santo dentro da economia da história do Povo de Deus.

Partindo do pensamento e entendimento existente na época em que foram escritos os livros do Antigo Testamento, os autores dos escritos referiam-se a presença de Deus na criação, utilizando palavras distintas, que possuem significados específicos, mas que adquiriram uma linguagem a partir da experiência cotidiana e histórica, uma impregnação de uma nova experiência do dom do Criador para criatura, conforme podemos ver na narrativa da criação no livro do Gênesis (Gn 1, 1-31). Já neste relato (Gn 1,2), temos a presença do Espírito Santo. Sua presença irá aparecer não com esse nome “Espírito Santo”, mas com símbolos e ou, outros nomes que hoje entendemos como Espírito Santo.

Na teologia do Antigo Testamento, o conceito de “espírito” ocupa uma posição proeminente. De maneira muito geral, “espírito” traduz a palavra hebraica *rûah*, que aparece umas 380 vezes. Nos textos mais antigos *rûah* significa a corrente de ar que se manifesta no soprar do vento, que pode ser, ora a suave brisa (Gn 3,8, fonte J; 2Rs 19,11; Jó 4,15; 41,8; Is 57,13), ora o vento (Gn 8,1, fonte P; Nm 11,31; 2 Sm 22,11; 2Rs 3,17; Is 27,8; 57,13; Jr 2,24; 10,13; Ez 17,10; 19,12; Os 8,7; Am 4,13; Hb 1,11; Zc 5,9; Jó 28,25; 41,5; Sl 1,4; 83,14; 103,16; 104,3s), ora vento de tempestade (Ex 10,13; 14,21; 1Rs 18,45; 19,11; Is 32,2; 41,16; Jr 4,11; 13,24; 18,17; 22,22; 49,36; Ez 1,4; 13,11; Os 4,19; Jn 1,4; Jó 1,19; 21,18; Sl 11,6; 18,11; 35,5; 55,9; 107,25; 135,7). Este sentido se encontra em toda parte na literatura hebraica, mais frequentemente em Jeremias e nos Salmos.¹

Em vários dicionários e idiomas diferentes, existem muitos conceitos sobre o tema: Espírito, Espírito Santo (*pneuma*), “espírito”, “vento”; (*ruah*) “sopro, vento e alento”; (*pneo*) “expirar”; (*empneo*), “ofegar”; (*pneumatikos*), “espiritual”; (*pnematikós*), “espiritualmente” (*theopneustos*), “soprado por Deus”, “inspirado por Deus”. Estes são apenas alguns nomes ou atividades que apontam para o Espírito Santo.

¹ BAUER, Johannes B. – *In Dicionário de Teologia Bíblica* — 2ª Edição – Edições Loyola, 1979, p. 364 - 365

Além dos conceitos mencionados, há também situações ou manifestações relatadas pela Bíblia e que foram atribuídas ao Espírito Santo, tais como quando se fala da força do vento, respiração, hálito e outras manifestações.

No livro “O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras” do Pe Luís Heriberto Rivas², reflete-se, que a obra do Espírito Santo, em verdade, conhecido como Espírito de Deus, era entendida como a concessão dada por Deus para aqueles que iriam enfrentar alguma dificuldade, intervenção ou missão designada pelo próprio Senhor. Era como que uma graça temporária concedida e que ao final da obra, o Espírito de Deus não mais estaria com a pessoa. Vemos a obra do Espírito de Deus se manifestar em vários livros e personagens da Bíblia, como no livro dos Juízes e mais notadamente nos Profetas. Ezequiel e Jeremias possuem os textos mais importantes que tratam do tema dos avanços no ensinamento sobre a ação que o Espírito produz no interior do homem. A efusão do Espírito sobre todas as pessoas é trazida pelo Profeta Isaias e, também por Joel, que já profetiza sobre o derramamento do Espírito sobre todos os israelitas.

A concepção da função do Espírito de Deus pelo judaísmo rabínico, foi sendo deixado de lado no que se refere a ação criadora do Espírito e sua relação com a vida, mas entendamos que para o judaísmo com a morte dos últimos profetas (Ageu, Zacarias e Malaquias), o Espírito cessou em Israel.

Segundo o mesmo autor, Pe Luís Heriberto Rivas, considerando a ação do Espírito Santo, que é criador e animador das instituições, podemos compreender o sentido e a coerência dessa ação, ora criadora, ora associada a ações criadoras de Deus, que sempre agiu em cada período da história da salvação de modo diferenciado para cada período.

Na criação, temos presente no texto bíblico, a citação em Gn 1, que o “Espírito de Deus pairava sobre as águas”. Tal citação, é precedida por: “A terra estava sem forma e vazia: as trevas cobriam o abismo”. O Espírito Santo é quem vai atuar como princípio ordenador do caos primitivo que estava presente. O símbolo da água vai também se colocar sobre a ação do Espírito Santo que tudo ordena e transforma.

No Dicionário Bíblico, o espírito é apresentado com as visões do Antigo Testamento, mostrando suas diversas manifestações.

² RIVAS, Luís Heriberto - *O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras* – São Paulo: Paulinas, – p. 16 - 41

Resumindo, o espírito no AT, originalmente o vento e o sopro, é concebido como uma entidade divina dinâmica, pela qual Deus realiza seus objetivos: ele salva, é uma força criadora e carismática, e como agente da sua ira é um poder demoníaco. Todavia, é impessoal. Como o vento, do qual não se pode descobrir de onde vem nem para onde vai e, portanto a ele são atribuídos os efeitos que aos homens parecem misteriosos. Ele é colocado em contraste com a carne; o espírito é diverso da carne como o homem El, a divindade (Is 31,3). Isso não significa espiritual no sentido de imaterial; não é evidente que um conceito do imaterial existe no AT. O espírito não é oposto ao material (para o qual não há termo hebr.), mas à carne: a parte mortal, corruptível, fraca e pecadora do homem. O espírito não é carne; e o AT não pôde dizer mais nada a esse respeito.

A palavra espírito não abrange apenas aquilo que identificamos como seja “bom”, mas refere-se também algumas vezes, como aquilo que seja “mau”:

Os escritos do judaísmo extrabíblico usam o termo espírito com sentidos que vão além do AT e que influenciaram o uso do termo no NT. Os anjos e os demônios são chamados espíritos. O espírito do homem é o princípio de funções animais e psíquicas, e seu significado se torna quase sinônimo de *Nefesh* (cf. Alma). O judaísmo, talvez influenciado pelo pensamento grego introduz o dualismo de espírito e de corpo no homem, que não aparece no AT; o espírito é um elemento preexistente, de origem celeste, que sobrevive à morte e se conserva numa espécie de depósito até a ressurreição. O espírito de Deus é predominantemente o espírito de profeta e revelação, e se torna agente inspirador dos escritores da lei. É um princípio de justiça no homem. Não é claro de modo nenhum que o espírito adquira um caráter pessoal nos escritos do judaísmo; a personificação do espírito vai além do AT mas não claramente além da metáfora. O dualismo entre espírito bom e o espírito mau é fundamental na teologia de *Qumrã*; a vida do homem é um conflito entre as influências destes dois espíritos. Os documentos de *Qumrã* falam do homem em sentidos semelhantes aos da outra literatura judaica, como o eu, a inteligência ou o caráter do homem.³

O Catecismo da Igreja aborda na Segunda Seção sobre a Profissão da fé cristã – Os símbolos da fé - como a Igreja interpreta a presença e ação do Espírito Santo, ainda que não estivesse revelado, é através da Palavra que se encontra e se fundamenta sua existência.

Desde o começo até a “plenitude do tempo”, a missão conjunta do Verbo e do Espírito do Pai permanece escondida, mas está em ação. O Espírito de Deus prepara aí o tempo do Messias, e os dois, sem serem ainda plenamente revelados, já são prometidos, a fim de serem esperados e acolhidos quando se manifestarem. É por isso que, quando a Igreja lê o Antigo Testamento, procura nele o que o Espírito, “que falou pelos profetas”, quer falar-nos a respeito de Cristo.

Por “profetas”, a fé da Igreja entende aqui todos aqueles que o Espírito Santo inspirou para o anúncio de viva voz e na redação dos livros sagrados, tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento. A tradição judaica distingue a Lei (os cinco livros ou Pentateuco), os Profetas (nossos livros denominados históricos e proféticos) e os Escritos (sobretudo sapienciais, em partícula os Salmos).⁴

³ MCKENZIE, John L. – *In Dicionário Bíblico* – SJ – 7ª Edição – Paulus 1984, pag. 305

⁴ Catecismo da Igreja Católica – 11ª Edição, Julho 2001– Edições Loyola, nº 702 – p. 203 - 204

A presença do Espírito Santo na Criação é interpretada também pelo catecismo, que na sequência tratará do Espírito da Promessa; O Espírito nas Teofanias e na Lei; O Espírito no Reino e no Exílio e a Expectativa do Messias e de Seu Espírito.

Na criação:

A presença do Espírito na criação e durante toda economia da salvação é também certificada pela própria missão do Espírito quer seja reinando, santificando ou animando o povo de Deus.

A Palavra de Deus e seu Sopro estão na origem do ser e da vida de toda criatura:

Ao Espírito Santo cabe reinar, santificar e animar a criação, pois é Deus consubstancial ao Pai e ao Filho...A ele cabe o poder sobre a vida, pois, sendo Deus, ele conserva a criação no Pai pelo Filho.⁵

“Quanto ao homem, Deus o modelou com as próprias mãos [isto é, o Filho e o Espírito Santo] (...) e imprimiu na carne modelada sua forma, de modo que até o que fosse visível tivesse a forma divina.”⁶

O Espírito da promessa:

Deus fez com Abraão uma promessa de abençoar todas as nações. A Antiga Aliança que acompanharia toda a economia da salvação e, posteriormente seria renovada com o sacrifício do próprio Filho de Deus, para a remissão dos pecados do povo.

Desfigurado pelo pecado e pela morte, o homem continua sendo “à imagem de Deus”, à imagem do Filho, mas é “privado da Glória de Deus”, privado da “semelhança”. A promessa feita a Abraão inaugura a economia da salvação, no fim da qual o próprio Filho assumirá “a imagem” e a restaurará na “semelhança” com o Pai, restituindo-lhe a Glória, o Espírito “que dá a vida”.⁷

Contra toda esperança humana, Deus promete a Abraão uma descendência, como fruto da fé e do poder do Espírito Santo. Nela serão abençoadas todas as nações da terra. Esta descendência será Cristo, no qual a efusão do Espírito Santo fará “a unidade dos filhos de Deus dispersos”. Ao comprometer-se por juramento, Deus já se compromete a dar seu Filho bem-amado e “o Espírito da promessa...que prepara a redenção do Povo que Deus adquiriu para si”.⁸

Nas Teofanias e na Lei:

⁵ Ibid nº 703 – p. 204

⁶ Ibid nº 704 – p. 204

⁷ Catecismo da Igreja Católica – 11ª Edição, Julho 2001– Edições Loyola, nº 708 – p. 204

⁸ Ibid nº 706 – p. 205

Dentro da Teologia do Espírito no Antigo Testamento, vemos as Teofanias presentes em imagens associadas ao Espírito, como também no dom da Lei para condução do povo de Deus.

As Teofanias (manifestações de Deus) o caminho da promessa, desde os patriarcas até Moisés e de Josué até as visões que inauguram a missão dos grandes profetas. A tradição cristã sempre reconheceu que, nessas Teofanias, o Verbo de Deus se fazia ver e ouvir, revelado e ao mesmo tempo “oculto” na Nuvem do Espírito Santo.

Esta pedagogia de Deus aparece especialmente no dom da Lei, a qual foi dada como um “pedagogo” para conduzir o Povo a Cristo. Mas sua impotência para salvar o homem privado da “semelhança” divina e do conhecimento maior que ela dá do pecado suscitam o desejo do Espírito Santo. Os gemidos dos Salmos atestam isto.⁹

No Reino e no Exílio:

A promessa contida na Lei, se estende também na Aliança com o objetivo da condução do povo de Deus em qualquer situação que se apresentar, mas Deus em com Sua fidelidade, restaura através da ação do Espírito seu povo que caíra na infidelidade.

A Lei, sinal da promessa e da aliança, deveria ter regido o coração e as instituições do povo nascido da fé de Abrão. “Se ouvirdes minha voz e guardardes minha aliança... sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19, 5-6). Mas, depois de Davi, Israel sucumbe à tentação de tornar-se um reino como as demais nações. Ora, o Reino, objeto da promessa feita por Davi, será obra do Espírito Santo; ele pertencerá aos pobres segundo o Espírito.¹⁰

O esquecimento da Lei e a infidelidade à Aliança desembocam na morte: é o Exílio, aparentemente fracasso das Promessas, mas, na realidade, fidelidade misteriosa do Deus salvador e início de uma restauração prometida, mas segundo o Espírito. Era preciso que o Povo de Deus sofresse a purificação; o Exílio já traz a sombra da Cruz no Projeto de Deus, e o Resto dos pobres que volta de lá é uma das figuras mais transparentes da Igreja.¹¹

A expectativa do Messias e de Seu Espírito:

O Messias anunciado, em especial pelo profeta Isaias, é agora assumido por Jesus no Evangelho, tomando posse das Palavras profetizadas e apresentando o Espírito Santo e Sua missão.

“Eis que vou fazer uma coisa nova” (Is 43,19): duas linhas proféticas vão desenhar-se, uma levando para a espera do Messias, a outra para o anúncio de um Espírito Novo, e ambas convergindo no pequeno Resto, o povo dos Pobres, que aguarda na esperança a consolação de Israel” e “a libertação de Jerusalem” (Lc 2,25.38).

Vimos anteriormente como Jesus realiza as profecias que lhe dizem respeito. Limitamo-nos aqui áquelas em que aparece mais a relação entre o Messias e seu Espírito.¹²

⁹ Catecismo da Igreja Católica – 11ª Edição, Julho 2001– Edições Loyola, nº 709 – p. 205

¹⁰ Ibid nº 709 – p. 205-206

¹¹ Ibid nº 710 – p. 206

¹² Catecismo da Igreja Católica – 11ª Edição, Julho 2001– Edições Loyola, nº 712 – p. 206

Os traços do rosto do Messias esperado começam a aparecer no Livro do Emanuel (quando Isaías teve a visão da Glória” de Cristo: Jo 12,41), em especial em Is 11,1-2:

Um ramo sairá do tronco de Jessé,
um rebento brotará de suas raízes:
sobre ele repousará o espírito do Senhor,
espírito de sabedoria e de inteligência,
espírito de conselho e de fortaleza,
espírito de conhecimento e de temor do Senhor. ¹³

Os traços do Messias são revelados sobretudo nos cantos do Servo. Esses cantos anunciam o sentido da Paixão de Jesus e indicam, assim, a maneira como ele derramará o Espírito Santo para vivificar a multidão: não partindo de fora, mas desposando nossa “condição de servo” (Fl 2,7). Tomando sobre si nossa morte, ele pode comunicar-nos seu próprio Espírito de vida. É por isso que Cristo inaugura o anúncio da Boa Nova, fazendo sua esta passagem de Isaías (Lc 4,18-19).

O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque ele me ungiu
para evangelizar os pobres;
curar aos de coração ferido;
enviou-me para proclamar a remissão aos presos,
e aos cegos a recuperação da vista,
para restituir a liberdade aos oprimidos
e para proclamar um ano de graça do Senhor. ¹⁴

Os textos proféticos diretamente referentes ao envio do Espírito Santo são oráculos em que Deus fala ao coração de seu povo na linguagem da promessa, com as tônicas do “amor e da fidelidade”, cujo cumprimento S. Pedro proclamará na manhã de Pentecostes. Segundo essas promessas, nos “últimos tempos” o Espírito do Senhor renovará o coração dos homens, gravando neles uma Lei Nova; reunirá e reconciliará os povos dispersos e divididos; transformará a criação primeira; e Deus habitará nela com os homens de paz. ¹⁵

O Povo dos “pobres” – os humildes e os mansos, totalmente entregues aos desígnios misteriosos de seu Deus, os que esperam a justiça não dos homens, mas do Messias – é finalmente a grande obra da missão escondida do Espírito Santo durante o tempo das promessas para preparar a vinda de Cristo. É sua qualidade de coração, purificado e iluminado pelo Espírito, que se exprime nos Salmos. Nesses pobres, o Espírito preparar para o Senhor “um povo bem-disposto”.¹⁶

Tendo apresentado alguns pontos dentro da Palavra (AT) e dentro do Catecismo da Igreja Católica (Magistério), concluímos com apenas algumas colocações realizadas por São Basílio Magno (Basílio de Cesaréia), que viveu no período da Patrística, com reflexão na obra “Tratado Sobre o Espírito Santo” e, sendo considerado um dos Pais da Igreja, fazendo parte da Tradição, completa as três fontes que são objetos deste capítulo inicial:

¹³ Ibid nº 712 – p. 206

¹⁴ Ibid nº 714 – p. 207

¹⁵ Ibid nº 715 – p. 207

¹⁶ Catecismo da Igreja Católica – 11ª Edição, Julho 2001– Edições Loyola, nº 716 – p. 207

Em Moisés alguns também foram batizados e nele creram. Resposta: Acerca dos “tipos”.

Mas, replicam eles, ainda que sejamos batizados no Espírito, não é justo pô-lo com Deus, pois também alguns foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar (1Cor 10,2). Entretanto, devemos confessar que tiveram fé num homem. Efetivamente, o povo acreditou “em Deus e em Moisés, seu servo” (Ex 14,31). Por que motivo, então, objetam eles, a propósito da fé e do batismo, exaltar e engrandecer tanto o Espírito Santo acima das criaturas, quando se atesta haver a mesma fé e o mesmo batismo em nome de homens? Que responderemos? Que se tem fé no Espírito, da mesma forma que no Pai e no Filho. Igualmente sucede no batismo. Quanto a Moisés, batiza-se nele e na nuvem, enquanto são sombra e tipo. No entanto, se as realidades divinas são prefiguradas por pequenos sinais humanos, nem por isso é insignificante a natureza divina, que os tipos frequentemente de antemão desenharam com luzes e sombras. De fato, o tipo revela através de uma imitação o que se espera; deixando entrever o futuro, com propriedade o indica. Assim, Adão é tipo do Cristo que há de vir; o rochedo simbolicamente é Cristo (Ex 17,6). A água que brota da pedra (Ex 17,6) é tipo do poder vivificador do Verbo. Ora, diz o Senhor: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba” (Jo 7,37). O maná também é tipo do pão vivo que desceu do céu. A serpente suspensa num poste é tipo da paixão do Salvador, consumada na cruz; os que nela fixavam o olhar, eram salvos. De igual modo, é também típico o êxodo de Israel, designando os que foram salvos através do batismo. Pois foram salvos os primogênitos dos israelitas, da mesma forma que os corpos dos batizados, pois a preservação foi concedida aos marcados com o sangue do cordeiro. Este sangue era tipo do sangue de Cristo; os primogênitos eram tipo do primeiro homem.

Os tipos aqui tratados, são imagens ou símbolos que remetem as realidades presentes, ou fazendo alusão no Antigo Testamento, anunciam aquilo que se concretizariam no Novo Testamento.

Quanto a este, existe necessariamente em nós, acompanhando-nos em consequência da propagação do gênero humano até o fim. Por esta razão, em Adão todos morremos (1Cor 15,22) e a morte reinou até a consumação da Lei, e a vinda de Cristo. Preservou Deus os primogênitos dos ataques do destruidor, para demonstrar que de forma alguma morrem em Adão os que foram vivificados em Cristo. O mar, contudo, e a nuvem, relativamente ao presente, despertavam a fé, por causa do espanto que causavam; quanto ao futuro, prefiguravam, enquanto constituíam um tipo, a graça futura. “Quem é sábio e observa estas coisas?” (Sl 106,43; cf. Os 14,10) para entender por que o mar é tipicamente o batismo, que separava de tal modo de Faraó como este banho livra da tirania do diabo. O mar matava o inimigo; aqui morre também nossa inimizade com Deus. O povo saiu do mar indene; quanto a nós, subimos da água, quais vivos dentre os mortos, salvos pela graça daquele que nos chamou. A nuvem, porém, era sombra do dom que provém do Espírito, e resfria a chama das paixões pela mortificação de nossos membros. E então?

Basílio de Cesaréia, dá prosseguimento à sua argumentação apresentando o “tipo” relacionado com o batismo de Moises e sua referência com o Cristo, que embora não obedeça as dimensões compreendidas pelo batismo, em redenção dos pecados,

pois Cristo não os tinha, e também a dimensão de pessoa nova no Espírito Santo, pois Ele possui a plenitude do Espírito Santo:

Se Moisés batizava tipicamente, por isso a graça do batismo seria insignificante? Mas, nada haveria de grande para nós se depreciarmos por causa dos tipos o que há de honroso em cada coisa. Ficaria então desprovido de grandeza sobrenatural o grande amor que aos homens devota Deus, ele que por nós entregou seu Filho Unigênito por nossos pecados, pois Abraão também não poupou o próprio filho. Nem a paixão do Senhor seria mais gloriosa, considerando-se que em lugar de Isaac (Gn 22,1-14) um cordeiro foi tipo de oferta para um sacrifício. A descida aos Hades deixaria de ter aspecto terrível, uma vez que Jonas em três dias e outras tantas noites (Jn 2,1ss), havia de antemão apresentado o tipo da morte. O mesmo acontece com o batismo. Se alguém julga a verdade pela sombra, comparando as realidades significadas com os correspondentes tipos, e tentando utilizar a figura de Moisés e do mar para despedaçar com um só golpe toda a economia evangélica. Qual o perdão dos erros? Qual a renovação da vida através do mar? Qual o carisma espiritual por meio de Moisés? Que morte aos pecados ali existe? Eles não padeceram com Cristo, portanto, também não ressuscitarão com ele. Não trouxeram a imagem do homem celeste, nem foram portadores da mortificação de Jesus no seu corpo; não se despojaram do velho homem, nem revestiram o novo, renovados para o conhecimento, à imagem de seu criador. Por que, então, comparar os batismos, que de comum têm apenas o nome, e que de fato diferenciam-se tanto como um sonho difere da realidade, ou uma sombra, uma imagem da substância dos seres? Mas, crer em Moisés não significa que seja de pouca valia a fé no Espírito. Antes, segundo a doutrina deles, diminuiria a profissão de fé no Deus do universo, pois diz a Escritura que o povo acreditou em Deus e em seu servo, Moisés.

O tipo direcionado para a reflexão sobre o Espírito e Sua ligação a Moisés, quando servia de intermediário entre Deus e o Povo. O Espírito operava nele ou através dele, para servir os propósitos de Deus:

A Escritura alia Moisés a Deus, e não ao Espírito; ele, com efeito, não era tipo do Espírito, e sim de Cristo. Ele prenunciava, no ministério da Lei, o mediador entre Deus e os homens (1Tm 2,5). Moisés não era tipo do Espírito, quando servia de intermediário para o povo, junto de Deus. Efetivamente, a Lei tinha sido promulgada por anjos, pela mão de um mediador (Gl 3,19), isto é, Moisés, conforme o pedido do povo, que dizia: “Fala-nos tu, e não nos fale Deus” (Ex 20,19). A fé depositada nele refere-se, portanto, ao Senhor, ao mediador entre Deus e os homens, que disse: “Se crêsseis em Moisés, haveríeis de crer em mim” (Jo 5,46). Seria, pois, coisa pequena a fé no Senhor, pelo fato de ter sido prefigurada por Moisés? De igual modo, se houve um batismo em Moisés, nem por isso é sem valor a graça proveniente do Espírito no batismo. Entretanto, devo observar que a Escritura costuma mencionar Moisés em lugar da Lei, como, por exemplo, na passagem: “Eles têm Moisés e os profetas” (Lc 16,29). Pertenceria ao batismo sob a Lei a referência: “Foram batizados em Moisés” (1Cor 10,2). Por que, então, aqueles que, por causa das sombras e dos tipos, têm aversão à verdade, declaram desprezíveis o motivo de altivez de nossa esperança (Hb 3,6) e o precioso dom de Deus, nosso Salvador, que renova a nossa juventude como a da águia por meio da restauração de todas as coisas? Sem dúvida, é peculiar a quem é muito jovem, ou a uma criança ainda bem precisada de leite, ignorar o grande mistério de nossa salvação. Com efeito, segundo a iniciação ministrada nas escolas, somos exercitados na piedade em vista da perfeição, aprendendo primeiro as coisas elementares, cujo conhecimento está a nosso alcance. A providência de Deus nos conduz até a plena luz da verdade, habituando aos poucos os nossos olhos, como se tivéssemos sido

criados em meio a trevas. No intuito de poupar a nossa fraqueza, na profundidade da riqueza de sua sabedoria, e nos julgamentos imperscrutáveis de seu intelecto, proporciona-nos esta orientação suave e harmoniosa, fazendo-nos primeiro ver as sombras dos corpos e fitar o sol dentro da água, a fim de evitar a cegueira, que pode suceder se precipitadamente contemplarmos a luz intensa. De igual maneira, a Lei, sombra dos bens futuros (Hb 10,1), esboço traçado pelos profetas, enigma da verdade, é tida como exercício dos olhos do coração. Assim, destas sombras nos seja fácil a passagem para a sabedoria escondida no mistério. A respeito dos tipos, isso basta. Não é possível determo-nos por mais tempo. Seria dar ao acessório importância maior do que ao principal¹⁷.

1.2 O Espírito Santo e as lideranças

Em toda economia da salvação, vamos encontrar a presença do Espírito Santo, quer seja através dos diversos símbolos que já foi detalhado nas páginas anteriores, quer seja como Espírito de Deus ou os demais nomes que numa análise mais minuciosa, chegamos ao entendimento de que se refere ao próprio Espírito Santo. Conforme escritos bíblicos, o Espírito que falou pelos profetas, também é o que conduziu todos aqueles que possuíam a missão de liderar o povo de Deus em toda sua trajetória. Partindo deste entendimento, concluímos que este mesmo Espírito conduziu desde os patriarcas até os caminhos de Jesus, de seus discípulos e nos tempos atuais as lideranças que tem a missão do pastoreio dos rebanhos a eles confiados.

O Espírito aparece agindo em três áreas, com conteúdo teológico:

1º) Tradições arcaicas relativas à subita intervenção de um indivíduo inebriado ou ungido pelo Espírito – os salvadores do período do Juizes, o rei Saul, Elias e Elizeu. O Espírito está sobre alguém ou vem sobre alguém. Pode ser “mau” (1Sm 16,23), vir de Deus (Jz 9,23; 1Rs 22,2s).

2º) Chama o profeta como “homem de ruah” (Os 9,7). Ressalta de Nm 11, 16s. 24-30 e Jl 3,1 que o exercício da profecia é um dom do Espírito. (Cf Nm 11,25; 24,2; Ne 9,30 e por contraste, 1Rs 22,24).

3º) O Espírito pode ir de um inspirado a um sucessor (caso de Moisés: Dt 34,9 – imposição das mãos – e de Elias: 2Rs 2,15) ou mesmo a um povo Is 59,21.

¹⁷ MAGNO, Basílio, Santo, Bispo de Cesareia, 330-379. *Basílio de Cesareia* [tradução de Roque Frangiotti, Monjas Beneditinas]. — São Paulo: Paulus, 1998. — (Patrística) Conteúdo: *Homilia sobre Lucas 12 — Homilias sobre a origem do homem — Tratado sobre o Espírito Santo*. Pag. 59 - 61 – Itens 31 - 33.

Conforme o Pe Luis Heriberto Rivas, que propõe um esquema da história no livro dos Juizes divididos em duas partes, vemos no segundo esquema temos introduzido novos elementos e o mais importante é a referência ao Espírito de Javé, esquema proposto em Jz 3,7-11, onde nos interessa sua 4ª consideração: “Descida do Espírito de Javé sobre o salvador e capacitação para a guerra libertadora”¹⁸. Sobre este esquema, citamos a passagem de (Js 3,10): “O Espírito de Javé esteve sobre Otoniel, que foi Juiz em Israel. Ele saiu para a guerra, e Jave entregou em seu poder Cusâ-Rasataim, rei de Aram. E ele triunfou sobre Cusâ-Ratasaim”.¹⁹ Outras ações do Espírito são narradas em relação ao Caudilhos, como é o caso de Gedeão (Jz 6,34): “O Espírito do Senhor apoderou-se de Gedeão”²⁰; Jefté (Jz 11,29) “O Espírito do Senhor desceu sobre Jefté, que atravessou Galaad e Manassés, passou dali até Masfa de Galaad, de Onde marchou contra os amonitas”²¹; Sansão (Jz 13,25) “E o Espírito do Senhor começou a incitá-lo, em Maané-Dã, entre Saraá e Estaol”²². (Jz 14, 6.19) “O espírito do Senhor veio sobre ele e, sem nada nas mãos, despedaçou-o como se fosse um cabrito; mas não contou a seu pai nem a sua mãe o que tinha feito”. “Então o espírito do Senhor caiu sobre ele e se apossou dele, e ele desceu a Ascalon, matou trinta homens, tirou-lhes as roupas de festa e entregou-as aos que lhe tinham apresentado a solução do enigma, e depois, enfurecido, voltou para casa de seu pai”.²³. Também sobre Saul, os textos nos relatam a presença do espírito do Senhor vindo sobre ele (1Sm 10, 6.10; 11,6) e sobre Davi (1Sm 16,13) com a precipitação do espírito do Senhor sobre ele”.²⁴

Vemos ainda a presença do Espírito dado a Moisés para condizir o povo de Deus (Nm 11,4.34), não explicitamente como Espírito, mas ligado a fenomenos ligados ao Espírito. Explicitamente sobre Moisés há a citação em (Nm 11,25) e sobre a sobre os setenta anciãos (Nm 11,26).²⁵

¹⁸ RIVAS, Luís Heriberto - *O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras* – São Paulo: Paulinas, 2001- p.10

¹⁹ Cf Js 3,10.

²⁰ Cf. Jz 6, 34

²¹ Ibid 11,29

²² Ibid 13,25

²³ Ibid 14,6.19

²⁴ Cf. Sm 10,6.10; 11,6; 16,13

²⁵ Cf. Nm 11,25-26

1.30 Espírito Santo e os profetas

Sobre os profetas, o Espírito se manifesta reanimando, fazendo-os permanecer de pé, capacitando-os, levantando-os, arrebatando-os ou trasladando-os de um lado para o outro. Vemos isso nas passagens de (1Rs 18,12; 2 Rs 2,16) com Elias, ou em Ezequiel no primeiro capítulo com a presença do vento tempestuoso que soprava do norte, uma grande nuvem e um fogo chamejante; em torno, de uma grande claridade e no centro algo que parecia electro, no meio do fogo (Ez 1,4). Também em (Ez 2, 2; 3,12.14; 11, 1.5.19; 37,1.5-6.9-10). Em outras passagens mostra a partir do capítulo 40 que o Espírito o conduziu de um lado para o outro em visões, mostrando-lhe tudo aquilo que deveria ser repassado para a casa de Israel. Ezequiel é conhecido como o grande profeta do Espírito, mas é em Isais que encontramos a expressão Espírito santo (Is 63,10-11).

O Espírito é aquele que conduz e fortalece os profetas em toda missão. Também é aquele que fortaleceu os primeiros testemunhos dos seguidores de Cristo e sustenta a Igreja.

O Espírito Santo é a força dos profetas, dos apóstolos e dos mártires: “Eu, contudo, estou cheio de força, do Espírito do Senhor, de direito e de coragem” – exclama Miquéias (Mq 3,8), e Paulo diz: “Deus con efeito, não nos deu um espírito de timidez, mas de força (2Tm 1,7). Falando dos cristãos que tinham que lutar com as feras na arena, Tertuliano chama o espírito Santo de “o treinador dos mártires”. Cirilo de Jerusalém, por seu turno, escreve: Os mártires dão seu testemunho graças à força do Espírito Santo”²⁶.

O espírito profético inspirava o culto dos filhos dos profetas, mas que muitas vezes operava nos profetas ações positivas ou negativas:

O espírito profético, no período mais antigo, era a força que inspirava o culto extático dos filhos dos profetas (1Sm 10,6.10; 19, 20, 23). O espírito de lahweh que leva Elias, não é um agente inspirador, mas um agente desconhecido e não identificado (1Rs 18,12; 2Rs 2,16). O espírito pode também ser um mau espírito enviado como agente punitivo²⁷.

Não há um entendimento ou compreensão do Espírito Santo como pessoa no Antigo Testamento, pois como nos relata a Encíclica *Dominum et Vivificantem*, a razão deste fato: “Quer Isaias, quer em todo o Antigo Testamento, a personalidade do Espírito se acha completamente escondido na revelação do único Deus, bem como no anúncio profético do futuro Messias”.²⁸

²⁶ CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito – Meditações sobre o Veni Creator* – Editora Vozes 2ª Edição – Petrópolis, RJ - 1998 – p. 22

²⁷ MCKENZIE, John L. – *In Dicionário Bíblico* – SJ – 7ª Edição – Paulus 1984, p. 304

²⁸ JOÃO PAULO II - Carta Encíclica: *Dominum et Vivificantem. Sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do Mundo*. São Paulo: Loyola. 1987 p. 25 nº 17

1.4 Símbolos e imagens do Espírito Santo no Antigo Testamento

Entre as pessoas da Santíssima Trindade, o Espírito Santo é a que tem uma abordagem ainda pequena, pois a falta ou carência em associar sua imagem física dentro de algo tangível, constitui uma limitação em trabalhar mais o tema e, em desenvolver reflexões com demonstrações visuais ou ilustrativas: (As imagens – “O canto do Espírito” - Raniero Cantalamessa)²⁹. A imagem de pomba, que associamos a presença do Espírito Santo, ou mesmo as outras manifestações do Espírito entendidas no Antigo Testamento (ar, vento, sopro, respiro, brisa suave), não permitem uma reflexão no aspecto físico, isso se apresenta como uma dificuldade em dissertar sobre o tema. Ainda assim, torna-se muito importante o aprofundamento ao tema, pois trata-se de falarmos a respeito da unidade entre o Pai e o Filho; do amor entre o Pai e o Filho; Daquele que nos traz os dons e que nos faz recordar de todas as coisas que Jesus nos ensinou, enfim, é o próprio Deus em meio a nós.

No princípio do Gênesis se fala do “Espírito de Deus” que soprava com força sobre as águas (cf. Gn 1,2). Aqui a proximidade entre Espírito e vento é tamanha, que os tradutores modernos muitas vezes ficaram na incerteza se traduziam a expressão por “Espírito de Deus” ou “vento de Deus” ou “vento impetuoso” e escolhem, de fato, ora uma ora outra tradução. Pouco adiante, vemos que:

“Deus formou o homem do pó da terra, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida” (Gn 2,7), e a seguir a Bíblia vê neste “sopro” uma primeira embrionária manifestação do Espírito Santo (cf. 1Cor 15,45).

Vemos assim inauguradas as duas imagens fundamentais destinadas a se tornarem sempre mais explícitas no decurso da revelação. No livro dos Atos dos Apóstolos, o Espírito Santo é dado no sinal do vento impetuoso (cf At 2,2); no Evangelho de João o mesmo Espírito é comunicado pelo Ressuscitado no sinal do sopro e da respiração, com um gesto que lembra propositalmente o das origens:

“Soprou sobre eles dizendo: Recebei o Espírito Santo” (Jo 20,22).

João vê no instante em que Jesus, na cruz, “respira pela última vez”, o momento em que Ele “entregou o Espírito” (Jo 19,30). Ele não ignora, porém a outra imagem, do vento impetuoso, pois é justamente Ele que menciona a palavra de Jesus:

“O vento sopra onde quer e lhe ouves a voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim é todo aquele que nasceu do Espírito” (Jo 3,8).

(Aqui, como em muitas outras ocasiões, Jesus se mostra verdadeiramente como o grande “poeta do Espírito”). A imagem do vento impetuoso e do turbilhão serve para exprimir o poder, a liberdade e a transcendência do Espírito divino. O vento, com efeito, é por excelência na Bíblia, mas também na natureza, a expressão de uma força arrasadora e indomável de “dilacerar os montes e despedaçar os rochedos” (1Rs 19,11), de “levantar as vagas até o céu e fazê-las descer aos abismos” (Sl 107, 25-26). Nada é capaz de sacudir verdadeiramente o oceano, mas o vento sim.

²⁹ CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito* – Meditações sobre o Veni Creator – Editora Vozes - 2ª Edição – Petrópolis, RJ - 1998

Quanto às imagens da respiração, do sopro ou da brisa suave, servem para exprimir a bondade, a delicadeza, a quietude e a imanência do Espírito divino. A respiração é aquilo que há de mais “íntimo”, mais vital e pessoal no ser humano³⁰.

³⁰ CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito* – Meditações sobre o Veni Creator – Editora Vozes - 2ª Edição – Petrópolis, RJ – 1998- pg. 17-18

Capítulo 2

O ESPÍRITO SANTO NO EVANGELHO ESCRITO POR LUCAS E NOS ATOS DOS APÓSTOLO (FONTES LUCANAS SOBRE O ESPÍRITO SANTO)

2.1 O Espírito Santo como pessoa na obra lucana

O evangelista Lucas é também tido como autor do livro dos Atos dos Apóstolos; é conhecido como o escritor do Espírito Santo, pois tal é sua inclusão e, abordagem sobre o Espírito Santo. Enquanto no evangelho de Mateus o termo “pneuma” aparece 19 vezes e, no evangelho de Marcos 23 vezes, no evangelho de Lucas 36 vezes; e a estas, devem ser acrescentadas as outras setenta ocorrências no livro dos Atos dos Apóstolos. Como Espírito Santo aparece dezoito vezes no evangelho de Lucas (seis em Marcos e doze em Mateus), e 56 no livro dos Atos dos Apóstolos.

Se no Antigo Testamento as referências ao Espírito Santo foram apresentadas através de símbolos, imagens, formas indiretas, como espírito, espírito de lahweh, Espírito santo, no Novo Testamento, iremos deparar com uma narrativa de total exposição sobre o Espírito Santo. Ainda assim, os estudos ou análises necessitaram ser realizadas para que pudéssemos hoje entender e fundamentar que o Espírito Santo é uma pessoa.

No livro dos Atos dos Apóstolos, verificamos desde o capítulo 1, especificamente em (At1,16) “Irmãos, era preciso que se cumprisse a Escritura em que, por boca de Davi, o Espírito Santo havia de antemão falado a respeito de Judas, que se tornou o guia daqueles que prenderam a Jesus”. Aqui é colocado sobre a “fala” do Espírito Santo, ou seja, não temos aqui uma coisa abstrata, mas uma “fala” e, só “fala” um ser, uma pessoa. Em (At 5,3.9), sobre a fraude de Ananias e Safira, o texto nos fala sobre terem “mentido e tentado” o Espírito Santo. Não se pode “mentir” ou “tentar” algo abstrato, ou seja, isso só pode ser feito para alguém, “mentir” ou “tentar” alguém (pessoa). Em (At 5,32) o texto vai nos dizer: “ Nós somos testemunhas destas coisas, nós e o Espírito Santo, que Deus concedeu aos que lhe obedecem”. Ao falar “nós e o Espírito Santo somos testemunhas”, deve ser entendido que só pode ser “testemunha”, quem está vivo e é uma pessoa. Existem várias outras citações em Atos dos Apóstolos, sobre o Espírito Santo, sustentando sua afirmação de pessoalidade. Na passagem do batismo de um eunuco etíope, por Felipe, o Espírito Santo “ordenou”

a Filipe que fosse ao seu encontro (At 8,26-38) e o evangelizasse para Cristo. O ato de “ordenar” é um ato de pessoas. Somente pessoas dão ordens e, portanto, temos mais um argumento sobre a personalidade do Espírito Santo. No livro dos Atos dos Apóstolos é o Espírito Santo quem escolhe os apóstolos (At 13, 2-4): “O Espírito Santo disse-lhes:Separai para mim Barnabé e Saulo...”. Somente pessoas “escolhem” outras pessoas, isso não pode ser algo abstrato. Somente pessoa pode “dizer” algo, portanto estamos aqui diante de mais um argumento de que o Espírito Santo é uma pessoa.

Outros escritos, como o Evangelho segundo João e o próprio Paulo, trazem contribuições grandiosas sobre o tema do Espírito Santo como pessoa, os textos abaixo irão esclarecer algumas particularidades com referência ao entendimento ou maneira de apresentar a atuação do Espírito Santo.

O espírito aparece pouco em Mt – Mc comparado com os escritos de Lucas, Paulo e João. E. Schweizer pensa que isso reflita sua fidelidade: eles não lêem retrospectivamente nas palavras de Jesus crenças que se articulam somente depois de Pentecostes e das experiências da Igreja primitiva. O espírito em Mt-Mc é geralmente o espírito do Antigo Testamento aplicado à pessoa e à missão de Jesus. Fora de Mt 28,19, ele não pode ser chamado um ser pessoal ou distinto do Pai.

Lc e At. O espírito se destaca muito mais nestes escritos. Ele aparece primeiramente no próprio Jesus, que é influenciado nos seus movimentos (Lc 4,1.14) e inspirado para falar (10,21) pelo espírito. O relato do batismo de Jesus por Lc (3,12s) e da concepção de Jesus pelo espírito (1,35) não difere dos relatos de Mt-Mc. Lc acrescenta um elemento novo na sua apresentação de Jesus como dispensador do espírito a Igreja (Lc 24,49; At 2,33). Este é um prelúdio para a apresentação do crescimento da Igreja nos At como a obra do espírito.

Para leitores modernos, o uso do termo nos At e em Paulo e até certo ponto nos evangelhos sinóticos é ambíguo. O espírito é chamado às vezes espírito (sem artigo determinativo) outras vezes o espírito (com o artigo determinativo). É qualificado pelo adjetivo “santo” ou os genitivos “de Deus”, “do Senhor”, “de Jesus”. O termo, não obstante, é raramente ambíguo a ponto de ser incerto se se entenda o espírito de Deus, o espírito santo, que surge como um ser distinto. Que se possa eliminar a ambiguidade usando maiúsculas (o Espírito Santo) não é sempre certo; nos parágrafos seguintes, as maiúsculas não serão usadas, se, todavia, implicar nada que concirna à identidade pessoal do espírito.

O espírito domina nos At. Quando ele desce sobre os apóstolos, eles recebem um poder e se tornam testemunhas de Jesus até os confins da terra (At 1,8). A transformação dos discípulos quando recebem o espírito (At 2,3ss) marca o nascimento da Igreja. Como o espírito estava em Jesus, assim agora ele está na Igreja ³¹.

³¹ MCKENZIE, John L. – *In Dicionário Bíblico* – SJ – 7ª Edição – Paulus 1984, pag. 306

2.2 Entendimento sobre o Espírito Santo nas primeiras Comunidades Cristãs e nos Evangelhos

Abordamos no item anterior, alguns aspectos e apresentamos alguns dados sobre os Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas em relação ao Espírito Santo, mas iremos neste item, apresentar pormenores que possam auxiliar sobre o entendimento dos três evangelistas citados e, também do Evangelho de João. Ainda dentro deste item, trataremos sobre o entendimento a respeito do Espírito Santo nas primeiras comunidades cristãs, embora sabedores de que seus primeiros adeptos não eram chamados de cristãos nos primeiros tempos, isso só iria acontecer posteriormente em Antioquia.

Em seu livro sobre “O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras”, Luís Heriberto Rivas, nos apresenta uma visão que certamente irá nos ajudar no entendimento que este item quer dar e acrescentar neste trabalho. Ao tratarmos anteriormente sobre os Evangelhos de Marcos e Mateus, com as informações obtidas pelo Dicionário Bíblico – John L. McKenzie, vimos que ambos possuem uma visão do Espírito Santo em conformidade com o Antigo Testamento, aplicado a pessoa e a missão de Jesus.

Diretamente no Evangelho de Marcos, o termo pneuma, é referenciado ao Espírito Santo, apenas seis vezes, enquanto em Mateus aparece doze vezes. No batismo de Jesus, ambos Evangelhos (Marcos e Mateus) dispensam particular destaque:

Nos dois evangelhos, este relato cumpre funções de inauguração da atividade de Jesus. Tal relato já foi definido como uma “visão interpretativa”. Neste gênero – frequente nos targumin – imagens e textos da Escritura são combinados para manifestar as qualidades ou missão de um personagem ou o sentido de uma cena. O relato, expresso desta forma, cumpre uma função programática em relação à totalidade do evangelho, pois nele explicita-se que Jesus, ao mesmo tempo que é Rei Messias e Filho de Deus, é o Servo de Javé, ungido com o Espírito Santo para cumprir uma missão de salvação universal³².

Marcos inicia com o batismo realizado por João Batista, batismo de conversão para o perdão dos pecados, para depois pronunciar que Jesus seria aquele que iria batizar com o Espírito Santo, a esperada efusão do Espírito que os profetas haviam anunciado.

³² RIVAS, Luís Heriberto - *O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras* – São Paulo: Paulinas, 2001- p. 47-48

Mateus inicia com a pregação de João Batista, para depois apresentar o rito do batismo que João Batista realizava com as multidões. Em Mateus as palavras colocadas por João Batista são acrescidas: Eu batizo vocês com água para a conversão...Ele... batizará vocês com o Espírito Santo e com fogo (Mt3,11). Acrescenta-se aqui o elemento fogo.

O discurso de João Batista nos versículos (7-10) anuncia a proximidade do julgamento escatológico e conclui-se com as palavras: "...toda árvore que não der bom fruto, será cortada e jogada ao fogo" (v. 10). Logo depois, é introduzido o *logion* sobre o batismo: Eu batizo vocês com água...Ele... batizará vocês com o Espírito Santo e com fogo. Desta forma, a referência ao fogo aponta para o julgamento. O batismo de Jesus inclui um julgamento sobre o pecado, com sua consequente destruição. Trata-se de um avanço em direção ao conceito de batismo cristão: purificação dos pecados e infusão do Espírito. Nos versículos seguintes, será acrescentada a proclamação da condição de filho de Deus.

Em Mateus, vemos ainda o tema do batismo em seu último capítulo (Mt 28, 18-20) com a missão que é confiada por Cristo aos discípulos, para batizar todas as pessoas e tornar discípulos seus todas as gentes.

Marcos e Mateus, de maneiras diferentes, abordam o tema da atuação de Jesus com a força do Espírito Santo. Marcos apresenta de uma forma mais velada (Mc 1,11), enquanto Mateus apresenta mais explicitamente (Mt 12, 15-21) com a citação de Isaías sobre o Servo de Javé que receberá o Espírito sobre ele. Jesus será aquele que traz o Reino de Deus (Mt 12, 28), ou seja, com Sua presença o Reino de Deus já está em nosso meio.

Em Mateus há dentro da genealogia trazida desde Abraão até José a preocupação do evangelista em mostrar a autenticidade de Jesus em obedecer e estar dentro da ordem messiânica, assim deveria ser aceito sem maiores contestações neste quesito. Genealogia essa que chegando em José, liga-o a Maria que concebe do Espírito Santo o filho de Deus.

Os dois evangelhos (Marcos e Mateus), trazem uma ideia, como já dissemos, como a existente no Antigo Testamento com referência a sua atuação sobre a pessoa e a missão de Jesus:

Resumindo todos os dados recolhidos pela tradição oral dos evangelhos de Mateus e Marcos, o Espírito Santo, com traços ainda muito próximos à concepção do Antigo Testamento, aparece como a força salvadora de Deus que intervém no final da história, atuando naquele personagem que vem para cumprir o desígnio de Deus. Jesus, como Servo de Javé e como Filho de Davi, recebe a plenitude do Espírito Santo que o capacita para cumprir a missão encomendada pelo Pai, e que no Antigo Testamento encontrava-se

em separado naquelas duas figuras messiânicas. Ao intervir na concepção de Jesus, o Espírito se manifesta como o agente operador da nova criação³³.

Lucas apresenta um destaque maior ao tema do Espírito Santo, pois somente pelo número de citações diretas do Espírito Santo, temos neste evangelho dezoito vezes. Lucas atribui um certo protagonismo durante a vida pública de Jesus, que não são encontrados nos demais evangelhos sinóticos (Mateus e Marcos). Já desde o capítulo 1, Lucas começa a narrativa mencionando a ação do Espírito Santo na época de Israel. Insere os personagens Isabel e Zacarias mencionado em (Lc 1,41-44) “Isabel ficou repleta do Espírito Santo”; (Lc 1,67) “Zacarias, seu pai, repleto do Espírito Santo, profetizou”. Lucas traz duas pessoas (Isabel e Zacarias), pessoas da cultura do Antigo Testamento, que agora na ação do Espírito Santo, utilizam a inspiração profética, atestando assim a visão que Lucas tinha sobre a ação do Espírito Santo em Israel. Com a concepção de Jesus, a visão da atuação do Espírito Santo é apresentada por Lucas como nova. O Espírito é agora apresentado com nova ação criadora.

Com referência ao *logion* do batismo colocado na fala de João Batista, Lucas adota a inclusão “com o Espírito Santo e com fogo”. Em (Lc 11,13), temos: “Se vocês, que são maus, sabem dar coisas boas aos filhos, quanto mais o Pai do céu! Ele dará o Espírito Santo àqueles que o pedirem”, destacando assim que o Espírito Santo é dado aos que o pedem, mesmo que não seja para uma missão específica. Lucas associa a descida do Espírito Santo sobre Jesus em uma forma corpórea e quando estava em oração (Lc 3,21-22); A volta de Jesus após ser tentado no deserto, tem a força do Espírito Santo na narrativa de Lucas (Lc 4, 14); As palavras de louvor ao Pai, por ter revelado aos pequenos o que havia escondido aos sábios e prudentes, é antecedido pela alegria no Espírito Santo (Lc 10,21). Na pregação de Jesus na sinagoga, o livro é aberto em (Is 61,1-2): “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção...”. Em todas essas passagens, Lucas sempre acentuou a presença, condução, participação, atuação do Espírito Santo.

No evangelho de João vemos a narrativa do *logion* de João Batista colocando a seguinte frase: “Eu batizo com água, mas no meio de vocês existe alguém que vocês não conhecem...”(Jo 1,26); “...esse é quem batiza com o Espírito Santo” (1,33d). O

³³ RIVAS, Luís Heriberto - *O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras* – São Paulo: Paulinas, 2001- p.57-58

evangelista João não traz a narrativa do batismo de Jesus, mas indica que é Jesus o possuidor da plenitude do Espírito Santo. No diálogo de Jesus com Nicodemos (Jo 3, 1-21), Jesus fala diretamente sobre o Espírito Santo, isso não se repete muitas vezes nos evangelhos, mas vemos aqui o ensinamento de Jesus, de que devemos nascer do Espírito Santo para podermos entrar no Reino de Deus. O Espírito aqui é diferente da noção do Antigo Testamento, pois Ele dá a vida (Quem não nascer...). Todo aquele que nasce, necessita do sopro da vida e, nesse caso da força do Espírito Santo, pois quem nasce da carne é carne, e quem nasce do Espírito é espírito.

Em (Jo 7,37-39) Jesus faz uma menção sobre a água, mas no versículo 39, menciona o autor sobre o Espírito. Ao ler o diálogo de Jesus com a Samaritana (Jo 4, 1-42), é mencionado sobre a água. Analisando os dois textos e tomando-se como base que ambos se referem ao Espírito, podemos entender que o Espírito que ainda não havia, em verdade sempre houve e, portanto, aqui se fala de que o Espírito Santo ainda não havia sido enviado sobre os discípulos. Nos escritos Joaninos (Evangelho e na Primeira Carta) e, somente nesses textos aparece o termo, Paráclito, que vai ser entendido como consolador, advogado ou intercessor. No evangelho o termo paráclito está inserido no Discurso da Ceia.

No livro dos Atos dos Apóstolos, encontramos no capítulo 1 a missão deixada por Jesus para os apóstolos e o cumprimento da promessa que se daria com a vinda do Espírito Santo e, este estaria com eles todo o tempo. Neste livro, vamos encontrar o início e a expansão daqueles que posteriormente seriam chamados de cristãos e, que formariam as comunidades ou levariam o Evangelho para as comunidades ou cidades existentes.

Encontramos no texto abaixo uma síntese sobre a teologia do Espírito que foi desenvolvida pela Irmã Lina Boff em seu livro – Espírito e Missão na obra de Lucas – Atos.³⁴

A narrativa do Livro dos Atos nos mostra que o Espírito não é só uma força divina, impessoal, que atua de maneira continuada em Jesus e de forma passageira nas demais pessoas. Ao contrário o Espírito tem uma realidade pessoal concreta e distinta, bem como um protagonismo próprio.

Neste segmento tentarei sistematizar os fundamentos da teologia do Espírito a partir do seu protagonismo na missão dos homens e das mulheres que continuam a prática missionária inaugurada por Jesus no Evangelho. Todo o capítulo primeiro dos Atos nos dá a entender esta conexão: Jesus ensina pelo Espírito (At 1,3), promete o batismo no Espírito Santo (At 1,5), e é com a força desse Espírito que os homens e as mulheres serão testemunhas do Ressuscitado até os confins da terra (At 1,8).

³⁴ BOFF, Lina - *Espírito e Missão na Obra de Lucas-Atos*, São Paulo: Paulinas, 2003

Ainda na visão de Lina Boff, o Espírito é apresentado como protagonista da missão em três situações: No discurso de Pedro (At 2, 14); No envio dos Missionários – “Filipe, Barnabé e Paulo, Os apóstolos, Os presbíteros (At 8,26-40; 13,1-5; 15,1-35; 20,28; 36-38); No trabalho missionário das Mulheres (At 1,14; 8,3; 16,4-5; 16,11-15; 17,4; 17,18; 18,26; 9,1-2; 22,4). Dentro das três situações mencionadas, estão inseridos os textos de Atos dos Apóstolos que englobam: A efusão do Espírito (At 2, 17-21); A exaltação de Jesus (2,33); O Espírito e a Vida Nova (At 2,38); Elementos pneumatológicos (At 2,8.11; 22; 33; 36); A participação das mulheres (At 2,42-45; 32-35; 5,12-16; 16,11s e 18,18s. 24ss); A escuta da palavra pelas mulheres (At 8, 4ss.12; 16,4-5; At 16,11-15; 17,4); Priscila, a mulher que ensina (At 18,24-26; 21,9); O testemunho de fé das mulheres (At 8,3; 9,1-2; 22,4).

Como já mencionado anteriormente, o Livro dos Atos dos Apóstolos, é também conhecido como o Livro do Espírito, pois está carregado de elementos pneumatológicos que contribuiu de forma fundamental para a construção do entendimento sobre o Espírito Santo e defesa como pessoa da Trindade e, sua atuação nas primeiras comunidades foi profunda e constante para que houvesse o desenvolvimento dos seguidores do caminho e posteriormente fossem chamados de cristãos. Olhar as narrativas de Atos dos Apóstolos e, também das cartas do Novo Testamento, nos faz perceber que o Espírito Santo conduziu os passos e proporcionou condições para que o cristianismo se difundisse para todas as regiões. Sem a presença do Espírito Santo, certamente a Igreja não obteria sucesso em suas missões e expansões. Sendo o cumprimento da promessa, realizou a obra na vida daqueles que abraçavam a fé e, ainda que tantos obstáculos se apresentassem no caminho dos cristãos, houve sempre Sua atuação direta ou através do uso dos dons concedidos por Ele, para que o cristianismo continuasse a avançar na realização do mandato deixado por Jesus: “Ide e fazei discípulos todos os povos” (Mt 28,29).

Capítulo 3

AS DISCUSSÕES SOBRE O ESPÍRITO SANTO NA PATRÍSTICA, NOS CONCÍLIOS E SUA RELAÇÃO COM A TRINDADE NO CAMINHO DO POVO DE DEUS

3.1 Abordagens sobre o Espírito Santo na Patrística

Embora os escritos do Novo Testamento possuam várias menções e referências sobre o Espírito Santo e, também se pode dizer o mesmo a respeito dos escritos dos Padres da Igreja, a reflexão teológica vai tratar dele somente a partir dos meados do século IV. A ocupação central focou na questão cristológica, voltados à explicação sobre a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Buscavam precisar a relação que poderia ter entre Jesus e o Pai. Indicar e argumentar sobre sua natureza, seu lugar e função na história da salvação. A questão cristológica tomou conta das discussões e reflexões dos primeiros séculos e só vamos encontrar as primeiras reflexões de uma teologia do Espírito Santo ou, de uma pneumatologia, a partir do século IV.

Santo Irineu, no século II produz alguns escritos com reflexões teológicas sobre o Espírito Santo e que apresentamos a seguir:

As primeiras linhas de uma teologia do Espírito Santo, no século II, caracterizam-se por uma concepção dinâmica. Sirva de exemplo esta passagem de santo Irineu: “Senhor, único e verdadeiro Deus, faça que domine em nós, por meio do nosso Senhor Jesus Cristo, o Espírito Santo”. De modo semelhante, Irineu explica na *Demonstração da pregação apostólica I*, 1,6s: “O terceiro fator principal é, pois, o Espírito Santo, por meio do qual os profetas profetizaram e os pais aprenderam as coisas divinas, os justos caminharam na estrada da justiça, o qual na plenitude dos tempos foi derramado de novo sobre a humanidade e sobre o mundo inteiro para recriar os homens para Deus. O nosso renascimento no Batismo é efetivado por estes três fatores, enquanto o Pai nos dá a graça do renascimento mediante o Filho no Espírito Santo. Aqueles que, de fato, recebem e levam em si o Espírito Santo são guiados ao Verbo, isto é, ao Filho. O Filho, por sua vez, os guia ao Pai, e o Pai os torna participantes da imortalidade. Sem o Espírito não se pode ver o Verbo de Deus, e sem o Filho ninguém pode ir ao Pai. De fato, o saber do Pai é o Filho. Mas o saber do Filho de Deus se obtém mediante o Espírito Santo, e o Filho dispensador doa o Espírito por beneplácito do Pai, àqueles que o Pai quer e como quer”³⁵.

³⁵ FRANGIOTTI Roque - Vida Pastoral - Artigos- “O Espírito Santo nos padres da Igreja” Paulus – ISSN 0507-7184 – Publicado em número 201 (pp 21-26) – Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/patristica/o-espírito-santo-nos-padres-da-igreja/> - Acesso em 22 abril de 2023

No século III, encontramos três reflexões teológicas apresentadas por Tertuliano, Hipólito de Roma e Orígenes, que irão responder as questões teológicas envolvendo o Espírito Santo quanto sua participação trinitária ³⁶

Em Tertuliano, O Espírito é o terceiro nome da divindade em relação a Deus Pai e a Deus Filho. O Espírito é o que explica a íntima relação da vida divina. A Trindade (“Trinitas” - expressão usada pela primeira vez por Tertuliano entre os Padres da Igreja), é concebida numa forma de conjugação especial pela qual são unidos (Pai, Filho e Espírito Santo), sem conflitos e em perfeita harmonia. As atuações de cada um, dá continuidade a realização dos objetivos a que se destinam suas manifestações. Há uma conexão, uma complementariedade, uma sincronia que os torna dependentes dentro de uma independência de papéis. Não há uma concorrência entre eles, mas sim, uma disposição em atuar em comunhão.

Para Hipólito de Roma, o Filho, a segunda pessoa, é de igual pessoa ao lado do Pai, que domina sobre tudo, e o Filho é ativo em tudo, enquanto o Espírito Santo está em tudo. É no Espírito Santo que cremos no Filho e que recordamos das coisas ensinadas e vivenciadas pelo Filho.

Em Orígenes será formulada a mais completa e sistemática teologia trinitária neste período, com um particular reconhecimento do Espírito Santo. A formulação de Orígenes visava responder a várias questões teológicas surgidas a respeito do Espírito Santo, entre elas, sobre o caráter gerado ou ingerado e, se tinha ou não uma substância própria. Orígenes entendia a trindade como um círculo concêntrico inserido um dentro do outro, onde o Pai seria o círculo maior, único ingerado e que tem domínio sobre todas as criaturas. Assume a fórmula trinitária de Mt 28,19 e considerando o Filho como o círculo intermediário, dominante sobre as criaturas e, o círculo menor, no interior, que tem domínio sobre a realidade espiritual. A concepção de Orígenes sobre a trindade é gradual, sendo plenamente de substância intelectual existente e subsistente e com função específica na história da salvação.

Da metade do século III até o início do século IV, a teologia sobre o Espírito Santo é pouco clara e pouco definida.

³⁶ FRANGIOTTI Roque - Vida Pastoral - Artigos- “*O Espírito Santo nos padres da Igreja*” Paulus – ISSN 0507-7184 – Publicado em número 201 (pp 21-26) – Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/patristica/o-espírito-santo-nos-padres-da-igreja/> - Acesso em 22 abril de 2023

No primeiro quarto do século IV (325) com o Concílio de Nicéia, não houve muito acréscimo em relação à pessoa e o lugar do Espírito Santo na Trindade, apenas o registro no credo: “Cremos no Espírito Santo”, não merecendo nenhum destaque ou atenção especial. Depois 360, em razão da controvérsia com Ário, surgiu uma tendência que disputava sobre a natureza e o lugar do Espírito Santo em relação ao Pai e ao Filho. Após a morte de Eusébio, bispo de Constantinopla, assumindo seu posto Macedônio, pelo partido ariano, ganha espaço o pensamento ariano, que negava a divindade do Espírito Santo, isto é negava a sua consubstancialidade com o Pai e com o Filho, considerando-o uma espécie de entidade intermediária entre Deus e as criaturas. Este pensamento ficou conhecido como pneumatômacos (hostis ao Espírito Santo). Alguns defensores sobre a natureza e posição do Espírito Santo como pessoa da Trindade São Jerônimo e Didimo, o cego, referiram-se a esta heresia com uma menção explícita a seu “fundador”: “Macedônio. Dele deriva a heresia macedoniana”:

Bem antes do Concílio de Constantinopla, Dídimo escreveu em Alexandria uma extensa compilação de textos escriturísticos em 63 capítulos intitulada *De Spiritu Sancto*, que se tornou uma das melhores obras da antiguidade sobre o tema. Foi traduzida para o latim por Jerônimo. No Ocidente apareceu também uma obra (em três livros) de Santo Ambrósio, sobre o Espírito Santo, mas já datada de 381, ano da realização do Concílio constantinopolitano. Nela, Ambrósio mostra que o Espírito Santo é como o Filho, consubstancial ao Pai, sendo, pois, Deus verdadeiro. Mas essa obra é pouco original e inteiramente tributária à de Dídimo, o cego, e apoiada ainda nos escritos de Santo Atanásio e de Basílio de Cesareia. Esse período constituiu-se no grande momento de Atanásio, extremo defensor de Niceia e que trouxe uma contribuição decisiva para a afirmação da doutrina da trindade. Ele polemizou fortemente com aqueles que interpretavam as expressões das Escrituras sobre o Espírito Santo em sentido “figurado”, e que eram também conhecidos por “*tropici*”. O Espírito Santo deve ser compreendido, no seio da Trindade, no sentido do movimento circular interno, o que se explica com o termo *pericórese* ou *circuminsessio* — movimento de união intratrinitária. O Espírito não é uma “criatura” como sustentavam os “*tropici*”, os macedonianos ou os pneumatômacos: Ele é consubstancial ao Pai e ao Filho.

A Contribuição decisiva dos Padres Capadóciolos para resolução das controvérsias a respeito da Terceira Pessoa da Trindade:

Mas foi, definitivamente, decisiva para a clarificação da convergência doutrinária a contribuição e a influência dos Padres capadóciolos: Basílio de Cesareia, Gregório de Nissa, seu irmão, e Gregório Nazianzeno, seu grande amigo. Essa contribuição se inscreve não somente no campo da reflexão teológica, da especulação, mas principalmente pela experiência vivida na vida monástica que levavam, apesar de serem bispos. A eles se deve a elaboração da distinção lógica entre *hipóstase* e *ousia* que permite clarear a fórmula que se tornou normativa para a fé da Igreja: uma natureza (*ousia*) e três pessoas (*hipóstases*) em Deus.

Foi principalmente Basílio, na sua obra *Sobre o Espírito Santo* de 375, aquele que, em coerência com a fé batismal, mostrou como o Espírito Santo é parte da Trindade como terceira pessoa doadora de toda vida e digno da mesma

adoração que se presta ao Pai e ao Filho e, por isso, substancialmente distinto de todos os outros espíritos. Esclareceu-se também que, a respeito da origem do Logos do Pai, se distinguia a origem do Espírito Santo, o qual procede do Pai e do Filho. A distinção entre o Pai e o Filho, fundada sobre a oposição entre gerador e gerado, corresponde à distinção do Pai e do Filho, que representam o aspirante, pelo Espírito, qual objeto aspirado. Basílio insiste contra os pneumatômacos, sobre o fato de que o Espírito Santo não é uma criatura, que é digno da mesma honra reservada ao Pai e ao Filho, está no mesmo nível, ele é conumerado³⁷.

Na Igreja ocidental, Dâmaso de Roma e Ambrósio de Milão foram os que levaram o Ocidente a aceitar a doutrina sobre a divindade do Espírito Santo enquanto a influência de Basílio de Cesareia, Gregório de Nissa e Gregório Nazianzeno no Oriente, fizeram eco no Concílio de Constantinopla e contribuíram fortemente para o entendimento e proclamação da natureza e posição do Espírito Santo na Trindade. Voltando para a visão ocidental, temos em Santo Agostinho, aquele apresentaria uma característica mais exata do Espírito Santo na teologia trinitária, com a concepção de que o Espírito Santo é o amor que une o Pai e o Filho e, que Ele é o produto deste amor. Para Agostinho é clara a deidade do Espírito Santo e sua igualdade com o Pai e o Filho: “É, igual em tudo ao Pai e ao Filho, consubstancial e coeterno na unidade da Trindade”. Agostinho apresenta ainda outra regra para a doutrina sobre o Espírito Santo, se fundamentando em que Ele, recebeu tudo do Pai, tal como o Filho também recebera, ou seja, em nada Ele é inferior ao Pai ou ao Filho. Mesmo com os argumentos de Santo Agostinho, sua maior precisão sobre a teologia do Espírito Santo, encontra-se no termo caridade-amor. Caridade entre o Pai e o Filho que é substancial, indicando como a terceira pessoa procede do Pai e do Filho e os une um ao outro.

Dentro das discussões sobre o Espírito Santo, surgiria as divergências entre o Ocidente e o Oriente quanto a procedência do Espírito Santo em relação ao Filho, sendo que o Ocidente entende e afirma que Ele procede do Pai e do Filho e, o Oriente afirma, e entende que Ele procede apenas do Pai.

³⁷ FRANGIOTTI Roque, Vida Pastoral - Artigos- “*O Espírito Santo nos padres da Igreja*” Paulus – ISSN 0507-7184 – Publicado em número 201 (pp 21-26) – Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/patristica/o-espírito-santo-nos-padres-da-igreja/> - Acesso em 22 abril de 2023

3.2 A discussão sobre o Espírito Santo nos concílios

Embora o Espírito Santo sempre estivesse presente na vida de oração e nas celebrações litúrgicas, nas reflexões teológicas não havia um estudo mais aprofundado, até porque as questões cristológicas dispensavam discussões maiores nos primeiros séculos.

A discussão sobre o Espírito Santo nos Concílios, vai ocupar espaço século IV, justamente dentro do período da Patrística e atrelado a algumas controvérsias oriundas do arianismo (Ário) que defendia que Cristo não era Deus. Essa discussão foi tema do Concílio de Niceia (325) que fora convocado pelo Imperador Constantino, que havia concedido a liberdade religiosa. A questão cristológica foi o tema central do Concílio de Niceia, que ao seu final, define e assume sobre a divindade de Cristo como Filho de Deus, unigênito, da mesma substância do Pai, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado não criado”. Dentro deste Concílio, nada de muito especial é acrescentado sobre a presença na Trindade ou natureza do Espírito Santo, somente acrescentado no credo: “Cremos no Espírito Santo”.

Entre o Concílio de Niceia (325) e o Concílio de Constantinopla (381), os adeptos ao arianismo, radicalizaram ainda mais suas concepções e, após a morte do Imperador Constantino e, com a posse de Macedônio, bispo de Constantinopla, que era do grupo daqueles que negavam a divindade do Espírito Santo, isto é, negavam a sua consubstancialidade com o Pai e com o Filho, considerando-o uma espécie de entidade intermediária entre Deus e as criaturas. (macedonianos ou pneumatômacos), toma novos contornos agora a discussão teológica, que do foco cristológico, tem agora na questão pneumatológica sua centralidade.

Em 381, no Concílio de Constantinopla, que foi convocado pelo imperador Teodósio I, a discussão a respeito do Espírito Santo sobre sua presença na Trindade e sua natureza, ficaram acirradas em função das posições radicais daqueles que eram contrários ao entendimento do Espírito Santo como divindade. Niceia já havia deixado insatisfeita a corrente contrária a divindade de Cristo. Fruto desta corrente ariana, surge grupos que agora se opõe radicalmente a divindade do Espírito Santo e anteriormente ao Primeiro Concílio de Constantinopla, vários Padres do Ocidente e sobretudo do Oriente, mostraram argumentos que fortaleciam a doutrina divina do Espírito Santo. O Concílio define e assume a divindade do Espírito Santo, ou seja, Sua presença como Terceira Pessoa da Trindade e consubstancial ao Pai e ao Filho.

No Primeiro Concílio de Constantinopla foi declarada a fórmula sobre o Espírito Santo - descrevendo-o como "o Senhor, o Doador da Vida, que procede do Pai, que com o Pai e o Filho é adorado e glorificado, e que falou através dos profetas "

Outro importante fato referente a teologia do Espírito Santo, está em relação a Sua processão, pois nisso se encontra uma divergência que perdura até nossos dias entre a Igreja do Ocidente e a Igreja do Oriente, onde o Ocidente entende que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho e o Oriente que o Espírito Santo procede apenas do Pai.

Após o Concílio de Constantinopla e das divergências apontadas entre a Igreja do Ocidente e a Igreja do Oriente, encontramos uma tratativa mais detalhada sobre o Espírito Santo, somente no Concílio Vaticano II, que irá apresentar uma abordagem ampla e uma teologia que abrange a atuação do Espírito Santo e, até mesmo iluminar documentos que trouxessem uma aproximação maior com a Terceira Pessoa da Trindade.

Entre os documentos que emergiram do Concílio Vaticano II, especialmente a Constituição Dogmática *Dei Verbum*³⁸ – Sobre a Revelação Divina, traz em todos os capítulos, começando do capítulo I no número 411 as menções sobre o Espírito Santo indicando que temos por Cristo, acesso ao Pai no Espírito Santo; no número 413 o Espírito nos leva a pleno cumprimento a revelação e a confirma com o testemunho divino: que Deus está conosco para nos libertar do pecado e das trevas da morte e para nos ressuscitar para a vida eterna. No número 415 o Espírito Santo move o coração e o converte a Deus, abre os olhos da mente e dá a todos a doçura para consentirem e crerem na verdade. Ele aprimora continuamente a fé por meio dos seus dons. O Espírito Santo irá inspirar sobre a transmissão da revelação divina; auxilia nesta transmissão; fala por meio das Sagradas Escrituras; age para cada fiel receba os ensinamentos das Sagradas Escrituras, Tradição e Magistério e os compreenda; É o mesmo Espírito Santo que inspirou os Escritos Sagrados; O Espírito Santo esclarece nossas mentes e entendimentos; Instrui a Igreja na compreensão mais profunda das Sagradas Escrituras. Enfim, em cada capítulo da *Dei Verbum*, vemos o caminhar e o entendimento da missão do Espírito Santo. Não há um capítulo reservado para o Espírito Santo, mas ao mesmo tempo, devemos entender

³⁸ Concílio Ecumênico Vaticano II – Documentos – Constituição Dogmática *Dei Verbum* - 1ª Edição – 2018 – Edições CNBB

que em se tratando do tema da Revelação Divina, o Espírito Santo já está aí compreendido.

Também a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*³⁹ – Sobre a Igreja, no número 231, vai tratar sobre o Espírito santificador da Igreja, que habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo, neles ora e dá testemunho de que são filhos adotivos. Ele conduz a Igreja à verdade total, unifica-a na comunhão e no ministério, instrui-a e dirige com diversos dons hierárquicos e carismáticos e a adorna com seus frutos. Rejuvenesce a Igreja pela força do Evangelho, renova-a perpetuamente e leva-a à união consumada com seu Esposo. O Espírito Santo é mencionado ainda nos números 234, 238, 240, 241, 242, 246 e 248 em todas as citações, traz a confirmação de Sua atuação no Mistério da Igreja. No capítulo II – O Povo de Deus – em grande parte dos números que formam este capítulo, vemos as citações a respeito do Espírito Santo, nos fazendo lembrar que o Espírito Santo, não só nos santifica, mas também nos conduz. No Capítulo V – A Vocação Universal à Santidade na Igreja – o Espírito Santo aparece em vários números, haja vista que Ele é o Santificador: “Pois sobre todos enviou o Espírito Santo para interiormente movê-los a amar a Deus de todo coração, com toda a alma, toda a mente e toda sua força e para se amarem mutuamente como Cristo os amou”. Em resumo, qualquer que seja o estado de vida que este documento cita, todos fazem parte do Povo de Deus e, portanto, todos nós somos assistidos, amparados, conduzidos e protegidos pelo Espírito Santo e isso os documentos do Concílio Vaticano II trazem com muita propriedade e em reiteradas menções.

O Catecismo da Igreja Católica (1992) é fruto que nasce a partir do Concílio Vaticano II e traz em seu conteúdo, vários temas relacionados ao Espírito Santo e que nos aproximam bastante da Terceira Pessoa da Trindade. Citar cada um desses temas não é o objetivo deste trabalho, mas apenas citarei o nº 1108 que nos fala:

O fim da missão do Espírito Santo em toda a ação litúrgica é colocar-se em comunhão com Cristo para formar seu corpo, O Espírito Santo é como que a seiva da videira do Pai que produz seus frutos nos ramos. Na liturgia realiza-se a cooperação mais íntimos entre o Espírito Santo e a Igreja. Ele, o Espírito de comunhão, permanece indefectivelmente na Igreja, e é por isso que a

³⁹ Concílio Ecumênico Vaticano II – Documentos – Constituição Dogmática *Lumen Gentium* - 1ª Edição – 2018 – Edições CNBB

Igreja é o grande sacramento da Comunhão divina que congrega os filhos de Deus dispersos. O fruto do Espírito na liturgia é inseparavelmente comunhão com a Santíssima Trindade e comunhão fraterna entre os irmãos.⁴⁰

3.3 Os dons do Espírito Santo

O dom é santificante e ordenado ao aperfeiçoamento da pessoa, ou seja, está intimamente ligado a pessoa e sobre ela produzirá frutos de aperfeiçoamento em sua vida e, mesmo que isso possa ajudar nas relações diversas com outras pessoas, o dom é algo que produz de imediato alterações e progressos na pessoa. Diferentemente do dom é o carisma, que é uma aptidão concedida para o bem dos outros, ou seja, o carisma é concedido pelo Espírito Santo a uma pessoa, mas os frutos do uso dos carismas, beneficiam outras pessoas. Este é o fim para que se destinam os carismas, o bem dos outros.

A fundamentação para a definição dos sete dons do Espírito Santo, se encontra em Isaías 11,1-3: “Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará das suas raízes. Sobre ele repousará o espírito de *lahweh*, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de *lahweh*, no temor de *lahweh* estará sua inspiração”. Não dos sete dons, pois nessa passagem Bíblica, encontramos seis dons, sendo que o temor de Deus é citado duas vezes no final. A septuaginta e a Vulgata acrescentaram a “piedade” a lista de seis dons mencionada em Isaías, retirando uma das citações do temor de Deus.

Conforme Raniero Cantalamessa⁴¹, no período, a Patrística, não há, pode-se dizer, autor espiritual que, não tenha um tratado sobre os dons do Espírito. Ou, melhor, até o limiar do Vaticano II, a reflexão sobre o Espírito Santo, no Ocidente, continua viva e criativa quase só no âmbito do tema dos sete dons. Cantalamessa conclui que os dons do Espírito Santo aparecem, como o coroamento de toda a vida espiritual. Cita o discurso pronunciado por Paulo VI no Dia de Pentecostes de 1969. Ele distingue dois campos de ação do Espírito Santo: o da “alma do indivíduo” e o da “comunidade ou corpo visível da Igreja”. Vamos nos ater apenas no que se refere a “alma do indivíduo”, pois esse é o que está ligado aos dons do Espírito Santo:

⁴⁰ Catecismo da Igreja Católica – 11ª Edição, Julho 2001– Edições Loyola, nº 702 – pag.313 – nº 1108

⁴¹ CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito* – Meditações sobre o Veni Creator – Editora Vozes - 2ª Edição – Petrópolis, RJ – 1998 - pg. 183-187

“O primeiro campo é o da interioridade da nossa vida: o nosso eu. Nesta cela profunda, e para nós mesmos misteriosa, da nossa existência, penetra o sopro do Espírito Santo; espalha-se pela alma com o primeiro e supremo carisma a que damos o nome de graça, que é como uma nova vida, e logo a habilita para atos que superam a sua eficiência natural, isto é, lhe confere virtudes sobrenaturais, expande-se na rede da psicologia humana com impulsos de ação fácil e forte que se chamam dons, e a enche de estupendos efeitos espirituais que se chamam os frutos do Espírito”.

O Catecismo da Igreja Católica⁴² vai falar dos dons do Espírito Santo, mencionando que a vida moral dos cristãos é sustentada pelos dons do Espírito Santo. Estes são disposições permanentes que tornam o homem dócil para seguir os impulsos do mesmo Espírito.

Os sete dons do Espírito Santo são: sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus. Em plenitude, pertecem a Cristo, Filho de Davi. Completam e levam à perfeição as virtudes daqueles que os recebem. Tornam os fiéis dóceis para obedecer prontamente às inspirações divinas.

Vamos agora abordar cada um dos sete dons, trazendo uma síntese que foi apresentada por Júlio César da Costa Santa Bárbara – Artigo da Teologia em Questão⁴³.

Fortaleza: pelo dom da fortaleza, Deus nos dá a coragem necessária para enfrentarmos as tentações e dificuldades da vida, como também nos concede firmeza de caráter diante das perseguições e tribulações resultantes do testemunho cristão e da defesa do que é “autenticamente humano”. Assim, como os santos, nós precisamos deste dom do Espírito para testemunhar a fé, até mesmo com o sacrifício da própria vida.

Sabedoria: a sabedoria também é uma graça, um dom de Deus. Sábio é quem reconhece a sabedoria eterna de Deus, Criador de todas as coisas. Este presente que vem do alto e brota por meio do Espírito Santo nos possibilita compreender, experimentar e saborear as coisas divinas, a fim de discerni-las corretamente. Há muitas coisas que parecem colaborar com a dignidade da pessoa humana e o exercício de sua liberdade, mas é sempre preciso examinar bem se este é o caminho mesmo.

⁴² Catecismo da Igreja Católica – 11ª Edição, Julho 2001– Edições Loyola, nº 702 – pag.1830-1831

⁴³ SANTA BÁRBARA, Júlio César da Costa - Teologia em Questão, edição nº 33 - Disponível em: <http://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/234> - Os sete dons do Espírito como caminho de humanização - Google Acadêmico - Acesso em: 22/04/2023

Ciência: é a capacidade de aperfeiçoar a inteligência e as habilidades, conscientes de que todo saber vem de Deus. Este deve ser utilizado para o bem comum, segundo os desígnios divinos. O conhecimento ou ciência divina coloca o amor no centro de tudo, pois o saber que envaidece não ajuda os outros e, portanto, não edifica. O dom da ciência, dom do Espírito de Deus, é um dom amoroso. Por isso, a ciência vista nesta ótica humaniza a pessoa.

Conselho: este dom ajuda a pessoa no reto discernimento, a assumir atitudes evangélicas e cristãs ao longo de sua vida, sobretudo, em determinadas circunstâncias. Por força deste dom do Espírito, crescemos pessoalmente e cooperamos para o crescimento das outras pessoas, casais, famílias, iluminando o irmão para que assuma o caminho do bem, da vida, da santidade, do amor doação, do amor serviço.

Entendimento: este dom capacita a nossa inteligência para entender as verdades reveladas e naturais. Se pelo dom da sabedoria experimentamos (saboreamos) o que rezamos e professamos, pelo dom do entendimento compreendemos melhor estas verdades de fé. Este dom não é um saber intelectualizado, mas um saber adquirido na escola do Espírito Santo. Por este dom, o Espírito capacita a pessoa a compreender de modo profundo e justo as outras pessoas e os acontecimentos.

Piedade: é a graça do Espírito Santo que proporciona o fervor na oração, nas práticas religiosas e nas virtudes cristãs. A piedade é um dom que vem do Temor do Senhor. É preciso o dom da piedade para cumprir os mandamentos divinos e assumir os valores evangélicos. É preciso este dom para perceber a presença de Deus, sobretudo, em um mundo extremamente materialista e carente sentido.

Temor de Deus: teme a Deus quem não tem medo e não despreza Deus. Quem pratica os seus mandamentos com sinceridade de coração, teme a Deus. Pelo dom do temor, o Reino de Deus assume o primeiro lugar em nossa vida e as Divinas Escrituras são veneradas e assumidas por nós. Pelo dom do temor, não desprezamos a Deus nem as suas coisas e causas. Quando Deus se torna uma pessoa importante em nossa vida e tememos ofender o seu coração, este divino dom está vivo e operante em nossa caminhada de fé.

Capítulo 4

O ESPÍRITO SANTO ENSINADO PELO MAGISTÉRIO DA IGREJA E O ENTENDIMENTO PELOS FIÉIS EM NOSSOS DIAS; ORAÇÕES E CANTOS

4.1 As abordagens sobre o Espírito Santo nas encíclicas

Embora várias Encíclicas possam trazer abordagens inclusivas sobre o Espírito Santo, vamos nos ater a três Encíclicas (*Divinum Illud Munus*, *Mystici Corporis e Dominum et Vivificantem*) que expõe mais especificamente a temática sobre o Espírito Santo, ou que aprofundam a questão pneumatológica em meio aos temas principais dirigidos.

A Encíclica *Divinum Illud Munus*⁴⁴, do Papa Leão XIII de 1897, Sobre a Presença e a Virtude Admirável do Espírito Santo, uma Encíclica dedicada ao Espírito Santo, tem como introdução, no item I, a narrativa do momento e em que condições o Espírito Santo é citado por Jesus para dar continuidade a realização da incumbência recebida do Pai. Relembremos Leão XIII as Palavras de Jesus: “Convém a vós que eu vá! Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós; mas, se eu for, vo-lo enviarei” (Jo 16, 7)”. Encerrando essa introdução, nos apresenta como reflexão as vantagens que o próprio Jesus nos dá com Sua partida:

Com essa afirmação, designou, como principal motivo de sua partida e regresso ao Pai, as vantagens iniludíveis que seus discípulos teriam com a vinda do Espírito Santo. Deu-nos a entender, ao mesmo tempo, que o Espírito Santo seria enviado por Ele próprio e pelo Pai, pois de ambos procede, e que terminaria, como Advogado, Consolador e Mestre, a obra que ele, o Filho, efetuara em sua vida mortal. Com efeito, a múltipla virtude desse Espírito, que, na criação do mundo, “adornou os céus” (Jó 26, 13) e “encheu o universo” (Sb 1,7), estava reservada, por singular providência, a coroação da obra da redenção.

Após a introdução são narrados os dois objetivos do seu pontificado, que era a restauração da vida cristã na sociedade e na família, nos postos governamentais e no meio do povo e, a reconciliação de todos os dissidentes, separados da Igreja Católica por motivos de fé ou de desobediência. Tais objetivos o Papa os recomenda ao Espírito Santo para que todas as realizações empreendidas durante o seu pontificado, para que ele as faça florescer e frutificar. Deseja também, reavivar e fortalecer nas

⁴⁴ LEÃO XIII – Carta Encíclica *Divinum Illud Múnus* – 09 de Maio de 1897 – Disponível em: <https://www.institutojacksondefigueiredo.org/documentos-da-igreja/divinum-illud> - Acesso em: 16 de Abril de 2023

almas a fé no mistério da Santíssima Trindade, e, aumentar e tornar mais fervorosa a devoção para com o Espírito Divino.

No item II, O Mistério da Santíssima Trindade, o Papa Leão XIII, quer dedicar algumas linhas ao mistério da Santíssima Trindade, onde situa o mistério no Antigo Testamento, que era velado, para manifestar-se com maior clareza no Novo Testamento. Discorre sobre os riscos de se querer distinguir as três Pessoas da Santíssima Trindade e, mesmo, de dividir nelas sua natureza única. Afirma o Papa, sobre as atribuições:

Assim Deus Pai, “princípio de toda a divindade”, é a causa eficiente da totalidade dos seres, da Encarnação do Verbo e da santificação das almas: “dele é tudo”; dele, por causa do Pai. Deus Filho, porém “Verbo, imagem de Deus”, é a causa exemplar de todas as coisas, que o têm por modelo de suas formas e formosura, de sua ordem e harmonia, a de que se tornou o nosso Caminho, Verdade e Vida, e efetua a reconciliação do homem com Deus: “por ele é tudo”; por ele: por causa do Filho. Enfim, o Espírito Santo constitui a causa final de todos os entes, porque, visto como a vontade e, em geral, as coisas todas repousam na posse do fim almejado, assim o Espírito Santo, que é a bondade divina e o amor recíproco entre o Pai e o Filho, leva à perfeição plena, impelindo, com vigor e doçura, aquelas atuações secretas em ordem à salvação eterna dos homens: “para ele é tudo”; para ele: por causa do Espírito Santo.

Fazendo abordagem ao Espírito Santo e a Encarnação, o Papa através da Virtude do Espírito Santo, a grandiosa obra exterior de Deus, que é a encanação do verbo, onde o Espírito Santo, com toda razão, é tido como o autor dessa obra, como mostra a narrativa de (Mt 1, 18): “Eis como nasceu Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava desposada com José. Antes de coabitarem, aconteceu que ela concebeu por virtude do Espírito Santo”. A atuação do Espírito Santo, não consistiu apenas em concretizar a concepção de Jesus Cristo, mas também em efetuar a santificação de sua alma, o que os Livros Sagrados denominam “unção” (At 10,37); tanto assim que todas as ações de Cristo “se realizavam sob a direção do Espírito Santo”, e principalmente a oblação de si próprio: “Pela virtude do Espírito Santo, ofereceu-se a Deus como vítima sem mancha” (Hb 9,14). Jesus é o possuidor de todos os carismas e dons do Espírito Santo.

No item III é tratado o tema: “O Espírito Santo e a Igreja”. O Espírito Santo vem em Pentecostes, sobre o Apóstolos, cumprindo-se assim a promessa de Jesus, promessa essa que se estendeu para os bispos e sacerdotes. É pelo Espírito Santo que são instituídos os bispos e, estes geram os sacerdotes, para governar a Igreja e alimentá-la do mesmo sangue de Cristo que a reuniu: “O Espírito Santo estabeleceu

os Bispos para o governo da Igreja de Deus, que ele adquiriu com o preço do seu sangue” (At 20,28). Uns e outros, porém, os bispos e os sacerdotes, receberam uma graça notável do Espírito Santo, o poder de apagar os pecados, conforme as palavras de Jesus Cristo aos apóstolos: “Recebei o Espírito Santo: aos que perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados, e aquém os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (Jo 20,22-23). O Espírito Santo residiu também nos justos que viveram antes de Cristo e, vem em Pentecostes às almas não “para só desde então habitar a alma dos santos, mas para inundá-la com maior intensidade, para aumentar consideravelmente a distribuição dos seus dons, e não para iniciá-la. Nos sacramentos, vemos a regeneração ou renovação para o homem que se dá inicialmente pelo batismo, penetrando pela primeira vez o Espírito Santo. Doa-se a ela ainda, em grau mais perfeito, para lhe outorgar a fortaleza e o vigor da vida cristã. Somos moradas do Espírito Santo, pois como nos diz a Palavra: “Não sabeis acaso que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós e que recebestes de Deus?” (1Cor 6,19). Nos sete dons e nos frutos: Mesmo os justos, tem necessidade dos setes dons que são dons do Espírito Santo. Eles fornecem à alma aptidão e força, para mais fácil e prontamente obedecer à voz do Espírito Divino; possuem tanta eficácia, que conduzem o homem ao mais alto grau de santidade, e são tão excelentes que permanecem os mesmos no reino celeste, embora mais perfeitos. O Espírito Santo produz e proporciona aos justos, frutos, tais como só podiam provir do Espírito.

Nas exortações, o Papa irá pontuar sobre a necessidade da devoção ao Espírito Santo, pois muitos não o conhece ou bem pouco de intimidade com Ele; “Não ofendamos o Espírito Santo”: Se alguém se tornar culpado por fraqueza ou ignorância, poderá talvez ter algum motivo que o escuse aos olhos de Deus; mas o que por malícia resiste à verdade e lhe volve as costas, comete um gravíssimo pecado contra o Espírito Santo; “Peçamos ao Espírito Santo”: É preciso dirigir fervorosas súplicas ao Espírito Santo, visto que em absoluto ninguém há que não tenha a maior necessidade de sua proteção e de seus auxílios; “Novena de Pentecostes”: Decretamos, portanto, e ordenamos que, em todo o orbe católico, no corrente ano e em todos os anos subsequentes, seja celebrada uma novena pública antes de Pentecostes em todas as igrejas paroquiais, e, caso os respectivos Ordinários julgarem útil, também nas outras

igrejas ou capelas; “O Espírito Santo e a Virgem Maria”: Ó veneráveis Irmãos, uni as nossas preces às vossas, e ao vosso apelo todos os povos juntem as suas, socorrendo-se todos da intervenção da Virgem Santíssima, Mediadora poderosa e gratíssima aos olhos de Deus.

Na Encíclica *Mystici Corporis*⁴⁵ - O Corpo Místico de Jesus Cristo e Nossa União Nele com Cristo, o Papa Pio XII – 1943, se referiu ao Espírito Santo como sendo princípio vital da Igreja, na qual opera conjuntamente com a Cabeça do Corpo Místico. É uma Encíclica que trata diretamente sobre o Corpo Místico de Cristo, mas há em meio as abordagens, pontos que relatam especificamente a ação do Espírito Santo e, em outras reflexões mencionam apenas pequenas citações. Vamos nos ater as citações maiores que essa Encíclica vai apresentar.

No número 30, o texto da Encíclica vai citar: “Se nosso Salvador por sua morte foi feito cabeça da Igreja no pleno sentido da palavra, igualmente pelo seu sangue foi a Igreja enriquecida daquela abundantíssima comunicação do Espírito que divinamente a ilustra desde que o Filho do homem foi elevado e glorificado no seu doloroso patíbulo”. Esse texto traz a lembrança da comunicação do Espírito Santo, que após a elevação de Jesus Cristo, é o Espírito o condutor da Igreja. É lembrado ainda na composição da narrativa deste número (30), a plenitude do Espírito Santo que se une a encarnação na natureza humana de Jesus. Desta união e plenitude do Espírito Santo, atuando incessantemente na natureza humana de Jesus, pode Ele, derramar sobre a Igreja, os mais copiosos dons do Paráclito; No número 32, é apresentado, como a Igreja é agraciada em Pentecostes, com a robustez do Espírito Santo, apresentando-se com o ruído do vento impetuoso e com as línguas de fogo, lembrando também que no início do ministério público de Jesus, o Espírito Santo, se manifesta em figura de pomba e pousa sobre Jesus, em Pentecostes pousa toca com línguas de fogo os Apóstolos, que darão início a sua missão; No número 41, a narrativa é direcionada aos bispos: Devem pois, os bispos, ser venerados, pelo povo cristão, como sucessores dos apóstolos por instituição divina; a eles, como sagrados com a unção do Espírito Santo, muito melhor que às autoridades deste mundo, ainda que elevadas, se pode aplicar aquela sentença: “Não toqueis nos meus ungidos” (1Cr

⁴⁵ PIO XII – Carta Encíclica *Mystici Corporis* – 29 de Junho de 1943 – Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html - Acesso em: 16 de Abril de 2023

16, 22; *SI* 104,15); No número 47, o texto vai falar da plenitude do Espírito Santo que habita em Cristo: "Aprouve que nele habitasse toda a plenitude" (*CI* 1,19); a ele exornam todos os dons que acompanham a união hipostática; porquanto nele habita o Espírito Santo com tal plenitude de graças, que não se pode conceber maior; No número 54, o Espírito Paráclito que procede do Pai e do Filho e de modo peculiar se diz "Espírito de Cristo" ou "Espírito do Filho" (*Rm* 8, 9; *2 Cor* 3,17; *Gl* 4,6), é o princípio de vida e atividade. Com esse Espírito de graça e de verdade ornou o Filho de Deus a sua alma logo no imaculado seio da Virgem; esse Espírito deleita-se em habitar na alma do Redentor, como no seu templo predileto; esse Espírito mereceu nele o Cristo derramando o próprio sangue; e, soprando sobre os apóstolos, comunicou-o à Igreja para perdoar os pecados (cf. *Jo* 20,22). O Espírito é comunicado à Igreja em copiosíssima efusão para que ela e cada um dos seus membros se pareçam cada vez mais com o Salvador. É o Espírito de Cristo que nos faz filhos adotivos de Deus (cf. *Rm* 8,14-17; *Gl* 4,6-7); No número 55, o texto vai nos trazer que, O Espírito de Cristo, deve atribuir-se também a união de todas as partes do corpo tanto entre si como com sua cabeça, todo no corpo e todo em cada um dos membros; está presente e assiste de diversos modos. É ele que com o hálito de vida celeste em todas as partes do corpo é o princípio de toda a ação vital e salutar. É ele que, embora resida e opere divinamente em todos os membros, contudo também age nos inferiores por meio dos superiores; ele enfim que cada dia produz na Igreja com sua graça novos incrementos, mas não habita com a graça santificante nos membros totalmente cortados do corpo. Essa presença e ação do Espírito de Jesus Cristo exprimiu-a sucinta e energicamente nosso sapientíssimo predecessor, de imortal memória, Leão XIII, na encíclica "*Divinum Illud*" por estas palavras: "Basta afirmar que, sendo Cristo cabeça da Igreja, o Espírito Santo é a sua alma"; No número 56 O Espírito é definido como doador da luz sobrenatural e causa eficiente da santidade; No número 63, Jesus quis que o Espírito Santo enriquecesse a Igreja de dons e graças celestes, atuando sobre sua totalidade, não excluindo nenhuma área ou parte que a forma. O Espírito Santo foi dado por Jesus para que todo envio confiado por Ele, chegue ao cumprimento de Sua vontade. No número 68, os Vínculos Jurídicos e Sociais, que haja a contínua santificação dos membros do mesmo corpo para a glória de Deus e do Cordeiro que foi sacrificado (*Ap* 5,12-13). A fonte diviníssima: não só o beneplácito do Eterno Pai e a vontade expressa do Salvador, mas também a interna inspiração e moção do Espírito Santo nas nossas inteligências e corações.

O Espírito Santo vai merecer no “Capítulo” 3, uma reflexão particular sobre: A inabitação do Espírito Santo, pois entendemos que o Espírito Santo habita nas almas enquanto caminhamos como participantes da Igreja Militante, mas a questão da inabitação do Espírito Santo, está associada a união mística, que um dia será completada no céu. Recorre o Papa Pio XII, aos escritos do Papa Leão XIII, citando: “Esta admirável união, diz ele, que com termo próprio se chama "inabitação", difere apenas daquela com que Deus no céu abraça e beatifica os bem-aventurados, só pela nossa condição” Naquela visão poderemos com os olhos do Espírito, elevados pelo lume da glória, contemplar de modo inefável o Pai, o Filho e o Divino Espírito, assistir de perto por toda a eternidade às processões das divinas Pessoas e gozar de uma bem-aventurança semelhançíssima àquela que faz bem-aventurada a santíssima e indivisível Trindade.

Na terceira parte do documento, intitulado: Exortação Pastoral – Erros relativos à vida ascética – Falso “quietismo”, há um trecho que merece sua colocação e reflexão, pois nos exorta à prática, perseverança e constância do esforço pessoal de colaboração ao Espírito Santo. Não se trata de nosso esforço resolver a questão do nosso progresso na virtude ou santidade, mas com certeza, não podemos esperar apenas a atuação divina, sem que contribuamos concretamente com nossos esforços humanos:

Não menos contrário à verdade e perigoso é o erro daqueles que da misteriosa união de todos nós com Cristo pretendem deduzir um mal-entendido "quietismo", que atribui toda a vida espiritual dos féis e todo o progresso na virtude unicamente à ação do Espírito Santo, excluindo ou menosprezando a correspondência e colaboração que devemos prestar-lhe. Ninguém pode negar que o divino Espírito de Cristo é a única fonte donde deriva toda a energia sobrenatural na Igreja e nos membros, pois que, como diz o salmista, "o Senhor concede a graça e a glória" (Sl 83,12). Contudo o perseverar constantemente nas obras de santidade, o progredir fervorosamente na graça e na virtude, o esforçar-se generosamente por atingir o vértice da perfeição cristã, enfim o excitar, na medida do possível, os próximos a consegui-la, tudo isso não quer o celeste Espírito realizá-lo, se o homem não faz, dia a dia, com energia e diligência, o que está ao seu alcance. "Os benefícios divinos, diz santo Ambrósio, não se fazem aos que dormem, mas aos que velam". Se neste nosso corpo mortal os membros se desenvolvem e robustecem com o exercício cotidiano, muito mais, sem dúvida, sucede no corpo social de Cristo, cujos membros gozam de liberdade, consciência e modo próprio de agir. Por isso o que disse: "Vivo, não já eu; mas Cristo vive em mim" (Gl 2,20), esse mesmo não duvidou afirmar: "A sua graça (de Deus) não foi em mim estéril, mas trabalhei mais que todos eles; se bem que não eu, mas a graça de Deus comigo" (ICor 15,10). E, pois, evidente que, com essas falsas doutrinas, o mistério de que tratamos não se utiliza para proveito espiritual dos fiéis, mas converte-se em triste causa de sua ruína.

Conclui o Papa Pio XII, com o Epílogo dedicado a “Virgem Senhora Nossa”, lembrando de como ela foi repleta do Espírito Santo, dando seu “Sim” ao Plano de Deus; no nascimento do Salvador; No primeiro milagre de Jesus Cristo Em Caná da Galiléia; Na Paixão e Morte de seu Filho, aos pés da cruz; E em Pentecostes no início da Igreja, perseverante na oração. Somente a ação do Espírito Santo e contando com a abertura de coração e adesão ao projeto de Deus, a Virgem Maria pode cumprir tão maravilhosamente sua missão.

Encontramos na Encíclica *Dominum et Vivificantem*, João Paulo II – 1986⁴⁶, Sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e no mundo, a memorização da fé que a Igreja professa no Espírito Santo, como nAquele que é Senhor dá a vida. Nesta Encíclica, João Paulo II, cita as demais Encíclicas onde Espírito Santo é abordado de forma particular: A Encíclica *Divinum Illud munus* (a. 1897) do Papa Leão XIII, inteiramente dedicada ao Espírito Santo, a Pio XII, que na Encíclica *Mystici Corporis* (a. 1943) se referiu de novo ao Espírito Santo como sendo princípio vital da Igreja, na qual opera conjuntamente com a Cabeça do Corpo Místico, Cristo, até ao Concílio Ecuménico Vaticano II, que fez notar a necessidade de uma renovada atenção à doutrina sobre o Espírito Santo, como acentuava o Papa Paulo VI: “À cristologia e especialmente à eclesiologia do Concílio deve seguir-se um estudo renovado e um culto renovado do Espírito Santo, precisamente como complemento indispensável do ensino conciliar”.

João Paulo II faz uma abertura na Encíclica *Dominum et Vivificantem*, mencionando os objetivos para os quais a presente Encíclica quer despertar a atenção:

A Igreja sente-se chamada para esta missão de anunciar o Espírito, ao mesmo tempo que, juntamente com toda a família humana se aproxima do final do segundo Milênio depois de Cristo. Tendo como cenário um céu e uma terra que «passarão», ela sabe bem que adquirem uma particular eloquência as «palavras que não hão-de passar», São as palavras de Cristo sobre o Espírito Santo, fonte inexaurível da «água a jorrar para a vida eterna», como verdade e graça salvadoras. A Igreja quer refletir sobre estas palavras; ela deseja chamar a atenção daqueles que crêem e de todos os homens para essas mesmas palavras, enquanto se vai preparando para celebrar — como se dirá mais adiante — o grande Jubileu, com que se assinalará a passagem do segundo para o terceiro Milênio cristão.

⁴⁶ JOÃO PAULO II - Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem* – Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html - Acesso em 16 de Abril de 2023

A Encíclica aborda na primeira parte: “O Espírito do Pai e do Filho dado a Igreja” inicialmente com o tema “Promessa e revelação de Jesus durante a Ceia pascal”. A promessa de Jesus para aos apóstolos foi de que, pediria ao Pai, e Ele daria um outro Consolador, para estar conosco para sempre, o Espírito da verdade. Era sobre o Paráclito, que o Evangelista João, menciona, o Consolador, que iria nos ensinar todas as coisas e nos fazer recordar aquilo que Jesus disse. Também os apóstolos seriam, revestidos pelo Espírito Santo, as testemunhas de Cristo.

No número 2 a Encíclica vai trabalhar a relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, onde cada um se manifesta na história do Povo de Deus, aquilo que é necessário, dando aos chamados por Deus, todas as condições para cumprir o mandato que o próprio Deus incumbiu, mandato este que remete a Jesus Cristo: “Ide portanto e ensina todas as gentes” e com um sentido trinitário, “batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”. A relação entre as Pessoas da Trindade, vai se caracterizar pelo amor existente entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, este último, que perscruta o mais íntimo de Deus, é a expressão pessoal desse doar-se, desse amor. É a Pessoa-Amor. É a Pessoa-Dom.

O dar-se salvífico de Deus no Espírito Santo, é o título do número 3 dessa Encíclica, onde retoma o discurso de despedida de Cristo, durante a Ceia Pascal: “Se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vos-lo-ei”. É um dar de Jesus Cristo e um dar-se do Espírito Santo. Cristo se dá, para a vinda do Espírito Santo, que então, é dado a nós. No número 4 da Encíclica *Dominum et Vivificantem*, temos o título “O Messias ungido com o Espírito Santo. Jesus não recebeu uma unção com óleo ou unguento, mas sim uma unção com o Espírito Santo. Ele que em íntima relação com Jesus Cristo, acompanhou, fortaleceu e deu-lhe a plenitude de todos os dons. Jesus Cristo ungido pelo próprio Deus. É o ungido no sentido de possuir a plenitude do Espírito Santo. Os textos proféticos de Isaias fazem alusão ao Messias que recebe a unção (Sobre ele pousará o espírito do Senhor), que trará a plenitude dos dons; fará anunciar a boa nova aos pobres; é o Servo eleito, Homem das dores que sofre por todos os pecados do mundo e, se tornando a aliança do povo à luz das nações. O próprio Jesus utiliza-se de vários deste textos durante sua vida pública, manifestando o cumprimento das Escrituras. Seguem-se nessa primeira parte da Encíclica os temas: 5) “Jesus de Nazaré, «elevado» no Espírito Santo” (Jesus é Aquele que batiza com o Espírito Santo, pois é portador do Espírito Santo); 6) Cristo: Ressuscitado disse: «Recebei o Espírito Santo» (O sopro de Jesus Cristo sobre os

Apóstolos é a doação do Espírito Santo, recordando o sopro da vida na criação e, dando agora aos apóstolos vida nova, capacitando-os para a missão e testemunhas do Cristo); 7) O Espírito Santo e o tempo da Igreja: (O tempo da Igreja teve início em Pentecostes, com a vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos, capacitando-os a cumprir a missão.);

Na segunda parte da Encíclica: O Espírito que convence o mundo quanto ao pecado: No número 1) Pecado, justiça e juízo (A sequência da fala de Jesus no discurso de despedida da Ceia Pascal, temos: “E Ele, quando vier, convencerá o mundo quanto ao pecado, quanto à justiça e quanto ao juízo». É o Espírito Santo que realiza esse convencimento para aqueles que se abrem a sua ação . Quanto ao pecado, porque não crêem em mim; quanto à justiça, porque eu vou para o Pai e não me vereis mais; e quanto ao juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado); 2) O testemunho do dia de Pentecostes: (No primeiro discurso de São Pedro após Pentecostes, ele fala com todo desprendimento sobre o Cristo e que não fora acreditado pelo povo, sobre sua crucificação no Gólgota com a morte de um inocente e, sobre sua ressurreição vencendo a morte. Tal testemunho, só foi possível pela ação do Espírito Santo, Espírito da Verdade que fala pelos Apóstolos); 3) O testemunho do princípio: a realidade original do pecado: (O pecado relatado no Livro do Genesis, é o princípio e a raiz de todos os demais pecados e, sua realidade original, verifica-se na vontade e na consciência do homem, em oposição à vontade de Deus); 4) O Espírito que transforma o sofrimento em amor salvífico: (No homem a misericórdia pressupõe a dor e compaixão com o próximo. Em Deus, o Espírito que é amor, faz com que a consideração do pecado humano, se transforme em mais dádivas de amor salvífico); 5) O sangue que purifica a consciência: O Espírito Santo, vem em virtude da partida de Cristo no mistério pascal; vem em cada caso concreto de conversão-remissão, em virtude do sacrifício da Cruz: nele, realmente, o sangue de Cristo purifica a nossa consciência das obras mortas, para servir o Deus vivo; 6) O pecado contra o Espírito Santo: (A blasfêmia ou pecado contra o Espírito Santo, consiste, na recusa de aceitar a salvação que Deus oferece ao homem, mediante o mesmo Espírito Santo agindo em virtude do sacrifício da Cruz. Se o homem rejeita o deixar-se convencer quanto ao pecado, que tal convencimento provém do Espírito Santo e tem caráter salvífico, ele rejeita contemporaneamente a vinda do Consolador: aquela vinda que se efetuou no mistério da Páscoa, em união com o poder redentor do Sangue de Cristo: o Sangue que purifica a consciência das obras mortas).

Na terceira e última parte da Encíclica, João Paulo II, vai tratar sobre: O Espírito que dá a vida: No número 1, o tema abordado será: Motivo do Jubileu do ano 2000: Cristo, «que foi concebido do Espírito Santo»: (Em nossa Profissão de Fé no Símbolo Niceno-Constantinopolitano, declaramos: “Incarnou por obra do Espírito Santo no seio da Virgem Maria e se fez homem”. O grande Jubileu, com que se concluirá o segundo milênio, para o qual a Igreja se está a preparar já, tem diretamente um perfil cristológico: trata-se, efetivamente, de celebrar o nascimento de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, porém, ele tem um perfil pneumatológico, dado que o mistério da Encarnação se realizou por obra do Espírito Santo); 2) Motivo do Jubileu: manifestou-se a graça: (O amor de Deus Pai, dom, graça infinita e princípio de vida, tornou-se patente em Cristo e, na sua humanidade, tornou-se parte do universo, do gênero humano e da história. Esta manifestação da graça na história do homem, mediante Jesus Cristo, realizou-se por obra do Espírito Santo, que é o princípio de toda a ação salvífica de Deus no mundo); 3) O Espírito Santo no conflito interior do homem: a carne tem desejos contrários aos do espírito e o espírito desejos contrários aos da carne: (Nos textos de São Paulo sobrepõem-se e compenetraram-se reciprocamente a dimensão ontológica (a carne e o espírito), a dimensão ética (o bem e o mal moral) e a dimensão pneumatológica (a ação do Espírito Santo na ordem da graça). As suas palavras (especialmente nas Epístolas aos Romanos e aos Gálatas) levam-nos a conhecer e a sentir ao vivo o vigor daquela tensão e daquela luta, que se trava no homem, entre a abertura à ação do Espírito Santo e a resistência e oposição a Ele, ao seu dom salvífico. Os termos ou pólos em contraposição, aqui são: da parte do homem, as suas limitações e pecaminosidade, pontos nevrálgicos da sua realidade psicológica e ética; e, da parte de Deus, o mistério do Dom, o incessante doar-se da vida divina no Espírito Santo); 4) O Espírito Santo no fortalecimento do homem interior: (A íntima relação com Deus, no Espírito Santo, faz com que o homem também se compreenda de uma maneira nova a si mesmo a à sua própria humanidade. É realizada, assim, plenamente, aquela imagem e semelhança de Deus, que o homem é desde o princípio); 5) A Igreja, sacramento da íntima união com Deus: (A plenitude da realidade salvífica, que é Cristo na história, difunde-se, de modo sacramental, pelo poder do Espírito Paráclito. Neste sentido o Espírito Santo é o outro Consolador, o novo Consolador, uma vez que, pela sua ação, a Boa Nova toma corpo nas consciências e nos corações humanos e expande-se na história); 6) O Espírito e a Esposa dizem: "Vem!": (A oração da Igreja é esta invocação incessante, na qual o

Espírito intercede por nós: de certo modo, Ele próprio pronuncia essa invocação com a Igreja e na Igreja. O Espírito, de facto, é dado à Igreja, a fim de que, pelo seu poder, toda a comunidade do Povo de Deus, por mais ramificada que seja na sua diversidade, se mantenha na esperança: naquela esperança em que já fomos salvos).

O Papa João Paulo II, apresenta a conclusão da Encíclica *Dominum et Vivificantem* com seis parágrafos, mas que apresentaremos apenas dois deles, que irão sintetizar o pensamento e a ação do Espírito Santo, tão bem refletida nesta Encíclica:

O Espírito Santo, na sua misteriosa ligação de divina comunhão com o Redentor do homem, é Quem dá continuidade à sua obra: Ele recebe do que é de Cristo e transmite-o a todos, entrando incessantemente na história do mundo através do coração do homem. É aí que ele se torna — como proclama a Sequência litúrgica da Solenidade do Pentecostes — verdadeiro «pai dos pobres, distribuidor dos dons e luz dos corações»; torna-se: «hóspede amável das almas», que a Igreja saúda, sem cessar, no limiar da intimidade de cada homem. Ele, efetivamente, traz «descanso e refrigério» no meio dos esforços, do trabalho dos braços e das mentes humanas; traz «descanso» e «alívio» nas horas de calor ardente do dia, no meio das preocupações, das lutas e dos perigos de todas as épocas; e traz, por fim, a «consolação», quando o coração humano chora e é tentado pelo desespero. Por isso, a mesma Sequência litúrgica exclama: «Sem a tua potência divina *nada há no homem, nada que seja inocente*». Só o Espírito Santo, de fato, «convence do pecado», do mal, com o objetivo de restabelecer o bem no homem e no mundo humano: para «renovar a face da terra». Por isso, Ele realiza a purificação de tudo o que «deturpa» o homem, de «tudo o que é sórdido»; cura as feridas mesmo as mais profundas da existência humana; transforma a aridez interior das almas em campos férteis de graça e de santidade. O que é «duro — abrandá-lo», o que é «frio — aquece-o», o que está «desencaminhado — reconduze-o aos caminhos da salvação».

4.2 O entendimento sobre o Espírito Santo em nossos dias

Entre as Pessoas da Trindade, o Espírito Santo é aquela que encontramos uma dificuldade maior para falarmos ou até mesmo entendermos, pois o Pai já é mencionado diretamente desde os primeiros escritos e transmissões verbais do antigo Israel. O Filho prefigurado no Antigo Testamento, se fez carne e habitou entre nós, possibilitando historicamente conhece-Lo e com Ele aprendermos diretamente, ou através daqueles que constituiu como discípulos, Seu modo de agir e anunciar o Reino de Deus. Com o Espírito Santo, temos dificuldades de associar sua imagem, pois nos é apresentado através de símbolos ou manifestações intangíveis e, isso por si só, já é um obstáculo para nosso entendimento.

O Novo Testamento traz várias passagens com citações a respeito da atuação do Espírito Santo, notadamente nos escritos lucanos (Evangelho segundo Lucas e Atos dos Apóstolos), como também no Evangelho segundo João e nos escritos paulinos, mas uma prova sobre seu tardio estudo, vemos que as discussões sobre o Espírito Santo vão ocupar espaço apenas no século IV. Muitos tratados pneumatológicos, sobretudo referentes aos dons do Espírito Santo, foram gerados no período da Patrística, contudo, vemos na Encíclica *Divinum Illud Munus*, do Papa Leão XIII (1897) o desejo de aumentar e tornar mais fervorosa a devoção para com o Espírito Santo.

Com o Concílio Vaticano II e toda abertura para a participação dos leigos nos ministérios particulares e não ordenados da Igreja, proporcionando um contato maior e mais dedicado com leitura dos textos sagrados, há uma busca maior sobre o entendimento sobre o Espírito Santo, pois os ritos passam a ser realizados na língua natal de cada país. O Concílio Vaticano II conduzido pelo Espírito Santo, provoca a grande reforma na Igreja e por obra deste mesmo Espírito, oferece condições para que possamos entendê-Lo melhor e assim nos relacionarmos com maior intimidade com Aquele que quer nos conduzir e nos santificar.

Não se trata de pensarmos que o Espírito Santo fosse desconhecido por completo, principalmente pelos leigos, mas se Dele não fazemos uma experiência com profundidade, certamente não conseguiremos tê-Lo como “Paráclito” ou como nosso Deus interior. Se a afirmação é verdadeira, de que “só amamos aquilo que conhecemos”, então é necessário que busquemos conhecê-Lo e queiramos tê-Lo em nossa intimidade, para que com Ele caminhemos o tempo todo.

Em nossas comunidades vemos muitas vezes, em Pentecostes, as pastorais se organizando para esta data tão importante. Preparam o ambiente e também alguém para palestrar sobre o Espírito Santo, mas o tema de todo ano, parece que já está pré-definido e não pode mudar: “Os sete dons do Espírito Santo”. Será que não temos mais nada a falar sobre o Espírito Santo?, ou será, que assim como os tratados sobre o Espírito Santo do período da Patrística, que falam em sua grande maioria das vezes, sobre este mesmo tema, ficaram tão impregnados em nós, que nada mais temos a acrescentar?.

Um dado importante para nossa reflexão, é sobre o crescimento do pentecostalismo no Brasil⁴⁷, que ocorre desde os anos 50, mas sua expansão acelerou-se acentuadamente na década de 80, trazendo em sua esteira um aumento de livros com temas sobre o Espírito Santo. Independente das reflexões teológicas fundamentadas ou não, fato é, que há uma busca de um conhecimento e identidade maior com o Espírito Santo, que até então não era efetivo. Já relatamos anteriormente, que no século XIX, o então Papa Leão XIII, falava sobre o desejo de aumentar e tornar mais fervorosa a devoção para com o Espírito Santo, ou seja, havia uma devoção popular, não obstante, as reflexões teológicas sobre o Espírito Santo eram escassas. O número de escritos sobre este tema era reduzido e, com a expansão do movimento Pentecostal, principalmente no Protestantismo, mas também no caso Católico, há um crescente aumento dos escritos.

Como membro da Renovação Carismática Católica e, como pregador deste movimento, em várias comunidades que tive a oportunidade de estar pregando a Palavra, constatei que há um grande número de fiéis que tem dúvidas sobre o Espírito Santo, sobre sua atuação, sobre questões muitas vezes, básicas sobre Ele. As vezes confundem temáticas sobre o Espírito Santo, evidenciando que ainda há uma grande parcela de fiéis que não conhecem, ou possuem dúvidas, sobre a Terceira Pessoa da Trindade. Para se ter um exemplo sobre o desconhecimento ou dúvidas a respeito do Espírito Santo, muitas pessoas se manifestam dizendo conhecer apenas uma oração sobre o Espírito Santo, mas isso não é verdade, mas será melhor explorado no próximo sub-item que iremos expor.

4.3 Orações e cantos sobre o Espírito Santo

Uma oração que comumente recitamos e, que realmente precisa ser repetida diariamente, é a oração do “Vinde Espírito Santo”. Trata-se de uma oração antiga que foi traduzida do latim: (*Veni, Sancte Spiritus*). Esta oração é bastante conhecida no meio Católico e muitos, equivocadamente, referem-se a ela, como sendo a única dedicada ao Espírito Santo:

⁴⁷ MARIANO, Ricardo - Rever – Revista de Estudos da Religião – PUC – Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf - dezembro / 2008 / pp. 68-95 - ISSN 1677-1222 – Acesso em 22/04/2023

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso amor. Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado, e renovareis a face da Terra!

Oremos: Deus que instruístes os corações dos Vossos fiéis, com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito e gozemos sempre de Suas consolações, por Cristo, Senhor Nosso. Amém!”

Veni Sancte Spíritus reple tuórum corda fidélium, et tu amóris in eis ignem accénde. Emítte Spíritum tuum et creabúntur. Et renovábis faciem terrae. Oremus: Deus, qui corda fidélium Sancti Spíritus illustratióne docuisti da nobis in eódem Spíritu recta sápere, et de ejus semper consolatióne gaudére. Per Christum Dóminum nostrum. Amen

Para falarmos sobre orações e cantos destinados ao Espírito Santo, recorro ao livro “O canto do Espírito” de Raniero Cantalamessa⁴⁸, que pelo próprio título da obra, já nos diz muito “O canto”. Esta obra está baseada em meditações do canto o “*Veni Creator Spiritus*”: “Vem, Espírito!”, do autor Rabano Mauro, Abade de Fulda na Germânia e arcebispo de Mogúncia, que viveu entre o final do século VIII e a primeira metade do século IX, um dos maiores teólogos da sua época e profundo conhecedor dos Padres. O primeiro testemunho de uso oficial do hino ocorreu no Concílio de Reims (1049).

Como informado, a meditação irá versar sobre cada estrofe do canto que abaixo colocamos sua letra:

*Veni, creator Spiritus
mentes tuorum visita,
imple superna gratia
quae tu creasti pectora,*

Ó Espírito de suscitais o criado
penetra os teus fiéis em profundidade,
derrama a plenitude da graça
nos corações que para ti criaste.

*Qui Paraclitus diceris,
donum Dei altissimi,
fons vivus, ignis, caritas
et spiritalis unctio*

És o Consolador e o Advogado,
pelo Pai altíssimo dado aos filhos,
fonte viva, caridade que inflama,
unção que santifica e cura

*Tu septiformis munere,
dexteræ Dei tu digitus,
tu rite promissum Patris
sermóne ditans guttura.*

concede a quem te invoca os sete dons,
Tú, dedo da direita do Senhor,
que cumpres as promessas dos profetas
dotando os lábios de palavra nova.

*Accende lumen sensibus,
infunde amórem córdibus,
infirma nostri corporis
virtute firmans perpeti.*

ilumina, vivifica as mentes,
nos corações infunde a vontade de amar
fortifica os cansados membros nossos
com a fiel e doce força tua

*Hostem repellas longius,
pacemque dones protinus,*

dispersa e põe em fuga o adversário antigo,
concede logo paz com alegria,

⁴⁸ CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito – Meditações sobre o Veni Creator* – Editora Vozes - 2ª Edição – Petrópolis, RJ - 1998

*ductore sic te praevio
vitemus omne noxium.*

assim, por ti guiados à verdadeira vida,
evitaremos a sedução do mal.

*Per te sciamus da Patrem,
noscamus atque Filium,
te utriusque Spiritum
credamus omni tempore*

faze, reconhecamos o Bom Pai
no rosto do seu Filho feito carne
e a ti, que unes ambos no amor,
ouçamos e louvemos todo o tempo.

Amen

Amém.

Outra oração que alguns católicos se esquecem, e é dedicada ao Espírito Santo, é a seqüência de Pentecostes:

Espírito de Deus, enviái dos céus um raio de luz!
Vinde, Pai dos pobres, daí aos corações vossos sete dons.
Consolo que acalma, hóspede da alma, doce alívio, vinde!
No labor descanso, na aflição remanso, no calor aragem.
Sem a luz que acode, nada o homem pode, nenhum bem há nele.
Ao sujo lavai, ao seco regai, curai o doente.
Dobrai o que é duro, guiai no escuro, o frio aquecei.
Dai à vossa Igreja, que espera e deseja, vossos sete dons
Dai em prêmio ao forte uma santa morte, alegria eterna!
Enchei, luz bendita, chama que crepita, o íntimo de nós!

No final do capítulo 2 “Criador - O Espírito Santo transforma o caos em cosmos”, é apresentado um hino que se recita na Liturgia das horas dos países de língua inglesa (Do Hinário da Abadia de Stanbrook, Inglaterra)⁴⁹:

Espírito que pairavas no princípio
sobre o deserto e as trevas deste mundo
em harmonia mudavas o barro e o caos,
inspirando vida ao homem no profundo.

Vem, e o nosso deserto faz florescer,
reza Tu em nós, transforma-nos no Filho,
para a tua graça dispõe a nossa alma,
faz que acolhamos o Pai e se conselho.

No final do capítulo 4 “Tu que és chamado paráclito - O Espírito Santo nos ensina a nos tornarmos paráclitos”, com uma invocação ao Espírito Santo, tirada da Liturgia das Horas – Ofício das vésperas Solenes de Pentecostes da Liturgia Ortodoxa, encerra a reflexão: ⁵⁰

Rei celeste, Consolador, Espírito da verdade,
que estás em toda a parte e enches o universo,
tesouro de graças, e que dás a vida:
vem, e habita em nós,
purifica-nos de tudo aquilo que é impuro
e salva as nossas almas, ó Deus de bondade.

⁴⁹ CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito – Meditações sobre o Veni Creator* – Editora Vozes - 2ª Edição – Petrópolis, RJ - 1998

⁵⁰ Ibid

No capítulo 5 “Altíssimo dom de Deus – O Espírito Santo nos ensina a fazer da nossa vida um dom”, o encerramento traz as palavras de um hino que se canta na Igreja anglicana, por ocasião dos casamentos (a partir da versão italiana)⁵¹

A voz ouvida no Éden,
no primeiro dia nupcial,
e a benção
de Deus ainda valem.

Une, Tu, Paraclito,
os esposos que chamaste,
como ao seu Esposo, Cristo,
a Igreja conjugaste.

No final do capítulo 6 “Água viva – O Espírito Santo nos comunica a vida divina”, são colocadas as palavras de um hino ao Espírito Santo, composto algumas décadas depois do *Veni Creator*. O hino canta a mística relação entre a água e o Espírito Santo⁵²:

Quando a imensa máquina do mundo
pelo seu Verbo Deus criava,
tu pairavas, Espírito, sobre a água
irradiando calor.

A onda que agora a alma santifica,
no Batismo continue fecundando:
sopra sobre nós, ó santo,
e faz de nós homens espirituais.

No capítulo 8 “Amor – O Espírito Santo nos leva a fazer a experiência do amor de Deus”, uma oração de uma Sequência medieval que, com as imagens do rio, da chama e do vento, resume toda a teologia latina sobre o Espírito caridade-amor⁵³:

Amor do Pai e do Filho,
sagrada fonte de todo o bem,
Espírito Paráclito!
Dos abismos da Trindade
derrama-te, rio do amor,
e invade nosso íntimo.
Doce chama que te espalhas,
toca-nos o coração de pedra
e dispersa o triste gelo.
Como suave aragem, irrompe,
e com o sopro nos conforta
com o teu amor deífico.
Por ti, a ti nos unamos,
por ti, a ti nos prendamos
com o vínculo do amor.

⁵¹ CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito – Meditações sobre o Veni Creator* – Editora Vozes - 2ª Edição – Petrópolis, RJ - 1998

⁵² Ibid

⁵³ Ibid

A oração formulada e recitada na Missa do Crisma, na Quinta-feira Santa e, pertence ao Missal Romano, encerra o capítulo 9: ⁵⁴

Ó Deus, que ungestes o voso Filho único com o Espírito Santo, e o fizeste Cristo e Senhor, concedei que, participando da sua consagração, sejamos testemunhas da redenção que Ele nos trouxe.

O capítulo 10 “Multiforne nos teus dons – O Espírito Santo adorna a Igreja com um sem-número de carismas”, é encerrado com oração ao Espírito Santo, distribuidor dos carismas, oração recitada no Ofício de Pentecostes nas Igrejas de rito siríaco: ⁵⁵

Espírito que distribuis a cada um os carismas;
Espírito de sabedoria e ciência, amante dos homens;
que enches os profetas, aperfeiçoas os apóstolos,
fortaleces os mártires, inspiras a doutrina dos doutores!
A ti, Deus Paráclito,
dirigimos a nossa prece, de mistura com este incenso odoroso.
Nós te pedimos, renova-nos com os teus santos dons,
pousa sobre nós, como sobre os apóstolos no cenáculo.
Derrama sobre nós os teus carismas,
enche-nos com a sabedoria da tua doutrina;
faze de nós templos da tua glória,
embriaga-nos com o vinho da tua graça.
Concede-nos viver para ti, obedecer-te e adorar-te,
tu, o puro, o santo, Deus Espírito Paráclito.

O capítulo 11 “Dedo da destra de Deus – O Espírito Santo nos transmite o poder de Deus”, encerra com a oração que a primeira comunidade cristã dirigiu a Deus, pedindo que efetuasse “milagres e prodígios”, e que terminou com uma nova efusão do Espírito Santo⁵⁶:

Senhor, Tu que fizeste o céu e a terra,
e o mar e tudo que neles há
tu que, pela boca do nosso pai Davi, teu servo,
disseste:
“Por que se agitam as nações
e os povos imaginam coisas vãs?”
Estende a mão, para que se realizem
curas, sinais e prodígios
pelo nome do teu Santo Servo Jesus.

Uma doxologia do Espírito Santo, tendo como fonte a Patrística Grega (Dídimo de Alexan dria), lembra bastante o Veni Creator e foi utilizado para encerrar o capítulo 12, “ Solene promessa do Pai – O Espírito Santo alimenta em nós a esperança”:⁵⁷

⁵⁴ CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito – Meditações sobre o Veni Creator* – Editora Vozes - 2ª Edição – Petrópolis, RJ - 1998

⁵⁵ Ibid

⁵⁶ Ibid

⁵⁷ Ibid

Ele é o nome divino, todo-poderoso e digno de toda honra,
 que com o Pai e o Filho é lembrado e glorificado.
 Ele santifica, vivifica e faz partícipes da luz celeste,
 guarda em todos a perseverança na concórdia;
 Ele inspirou os profetas e os apóstolos,
 aos mártires de a força para resistirem à crueldade dos tiranos;
 renova e liberta como Senhor,
 faz de nós filhos de Deus como Espírito de adoção;
 afugenta as hostes dos demônios
 mediante a iluminação do Batismo,
 e cobre de vergonha satanás, o inimigo;
 abre-nos as portas dos céus e nos conduz ao porto da salvação;
 faz-nos participar da comunhão e do canto dos anjos;
 é para nós caminho que leva ao Pai e Deus dos céus,
 graças à sua vinda soberanamente livre e generosa.

Ele é fecundo e infinito poder de salvação,
 incomparável e santa hipóstase, que não tem limites,
 glória puríssima e incontaminada,
 graça divina que supre a nossa fraqueza,
 bondade inefável e eterna,
 fonte inesgotável dos carismas,
 inspirador de todo bom pensamento,
 que manifesta as coisas futuras e escondidas,
 selo de salvação, unção divina, sinal dos bens eterno.
 Dele toda criatura visível e invisível,
 racional e irracional, recebe o sustento,
 dele a vida nova que vem do alto,
 a renissão das culpas e o perdão dos pecados,
 a união com Deus e a coroa para os justos,
 a posse dos bens e a morada nos céus,
 a vida sem fim e a eterna herança no Reino de Deus.

Com uma prece de Gregório de Narek, místico armênio, do início do segundo milênio, que exerceu grande influência sobre a vida espiritual e a poesia Armênia, o capítulo 13, “Tu pões nos lábios a palavra – O Espírito Santo dá força ao nosso anúncio”, é encerrado: ⁵⁸

Eu suplico à tua imutável e onipotente soberania,
 ó Espírito poderoso:
 envia o orvalho da tua suavidaded.
 Tu, que consagras os apóstolos, inspiras os profetas, instruis os doutores,
 que fazes os mudos falarem, e abres os ouvidos dos surdos,
 dá-me também a mim, pecador, a graça de falar com segurança
 do mistério vivificante da boa-nova do Evangelho...
 Neste momento em que vou expor em público a tua palavra,
 que a tua misericórdia me preceda
 e interiormente me inspire, no momento exato,
 aquilo que é digno, útil e do teu agrado,
 para glória e louvor da tua divindade,
 e para plena edificação da Igreja Católica

⁵⁸ CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito – Meditações sobre o Veni Creator* – Editora Vozes - 2ª Edição – Petrópolis, RJ - 1998

Com uma oração ao Espírito Santo, usando as palavras de um hino pouco posterior ao *Veni Creator*, do autor Notker Balbulus, para o dia de Pentecostes, encerra o capítulo 14, “Acende a tua luz na mente – O Espírito Santo nos conduz à plena verdade”:⁵⁹

Espírito que iluminas todo homem,
dispersa, ó Santo, da nossa mente
a horrenda noite, Tu que és amante
de todo pensamento sensato

Derrama a tua unção em nós, ó Pio,
tu que sempre purificas as culpas,
limpa o olho do homem interior,
ofuscado pelo mal;

Para que possamos ver o sumo Pai
que só os olhos dos puros de coração
podem contemplar, como atesta
a sabedoria de Cristo.

Com um hino de composição luterana, que é baseada no *Veni Creator*, o capítulo 15, “Infunde no coração o amor – O Espírito Santo nos faz passar do amor a nós mesmos ao amor a Deus”, é encerrado.⁶⁰

Vem, Espírito Santo, Deus, Senhor,
enche com a tua graça benigna
a alma e a mente dos teus fiéis.
Acende neles o fogo do teu amor.
Com o esplendor da eterna luz,
Tu remiste em uma só fé
um povo de todas as nações:
a ti entoamos um hino, Espírito Santo.

Tu, santa luz, porto seguro:
ilumina aos cristãos a Palavra.
Dá-nos de Deus reto conhecimento
e alegria verdadeira ao chamá-lo de Pai.
Preserva-nos, ó Santo, dos erros,
pois nosso Mestre é só Cristo,
crendo nele com ortodoxa fé
e confiando nele com todo o coração.

Com uma oração de Gualter de São Vitor, um autor medieval, é encerrado o capítulo 16, “Revigora com teu eterno poder aquilo que em nosso corpo está enfermo – O Espírito Santo prepara a redenção de nosso corpo”:⁶¹

Vem, Santo Espírito, enche os corações dos teus fiéis.
Tu vieste ao mundo para nos fazer fiéis, vem agora fazer-nos felizes.

⁵⁹ CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito – Meditações sobre o Veni Creator* – Editora Vozes - 2ª Edição – Petrópolis, RJ - 1998

⁶⁰ Ibid

⁶¹ Ibid

Tu vieste para que, com teu auxílio,
 pudéssemos gloriar-nos na esperança da glória dos filhos de Deus,
 vem de novo para que possamos também gloriar-nos na posse dessa vida.
 A ti cabe confirmar, consolidar,
 aperfeiçoar e levar a bom termo.
 O Pai nos criou, o Filho nos resgatou:
 faze, portanto, a parte que te cabe.
 Vem para nos ensinar toda a verdade, levar-nos ao gozo do Sumo Bem,
 à visão do Pai, à abundância de todas as delícias,
 à alegria das alegrias, Amém.

O Capítulo 17, “Para longe repele o inimigo! O Espírito Santo nos garante a vitória sobre o maligno”, é encerrado com a vibrante invocação de um cantor do Espírito Santo do Oriente cristão, Simeão o Novo Teólogo, que realça, como o *Veni Creator*, a poderosa ação do Paráclito contra o inimigo: ⁶²

Vem, luz verdadeira. Vem, eterna vida. Vem, mistério escondido.
 Vem, tesouro sem nome. Vem, realidade inefável.
 Vem, Tu que escapas à humana compreensão.
 Vem, gozo perene. Vem, luz sem sombra.
 Vem, esperança de todos os remidos. Vem, ressurreição dos mortos.
 Vem, só para o só. Vem, meu alento e minha vida.
 Vem, consolação da minha alma.
 Vem, minha alegria, minha glória, minha perene delícia.
 Hábito refulgente, que queimas os demônios,
 purificação, que me lavas com puras e santas lágrimas.
 fica comigo, Soberano, não me deixes só:
 assim, quando vierem inimigos,
 que sempre tentam devorar a minha alma,
 ao te encontrarem morando em mim, logo fujam
 e não possam nada contra mim, ao te verem, o mais forte de todos,
 sentado dentro da casa da minha pobre alma.

A oração para obter a paz do coração, de autoria de Ambroise de Lombez, do século XVIII, faz o encerramento do capítulo 18, “Dá-nos sem demora a paz – O Espírito Santo nos dá a grande paz de Deus”: ⁶³

Deus de bondade, cujo reino em nós é todo amor e paz, cria,
 Tu mesmo, em nossa alma o silêncio que te é necessário para te comunicares
 a ela.

Agir sereno, desejo sem paixão, zelo sem agitação: tudo isso
 Só pode vir de tí, sabedoria eterna, atividade infinita, repouso
 Inalterável, princípio e modelo da verdadeira paz.

Tu nos prometeste esta paz pela boca dos profetas, Tu no-la
 Concedeste por meio de Jesus Cristo, e nos deste a garantia dela
 Mediante a efusão do teu Espírito.

Não permitas que a inveja do inimigo, a perturbação das
 paixões, os escrúpulos da consciência nos levem a perder este

⁶² CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito – Meditações sobre o Veni Creator* – Editora Vozes - 2ª Edição – Petrópolis, RJ - 1998

⁶³ Ibid

dom celeste, que é o penhor do teu amor, o objeto das tuas promessas, o prêmio do sangue do teu Filho. Amém

O capítulo 19, “E por ti conduzidos, todo mal evitaremos – O Espírito Santo nos orienta no discernimento espiritual”, encerra com um hino de um autor medieval, Ruperto de Deutz, pedindo que o Espírito Santo dirija nossas mentes: ⁶⁴

Dirige, Espírito Santo, a nossa mente,
 enche o coração e a boca que se abrem a ti.
 Tu que mandas tocar o tímpano festivo
 e entoar o Salmo,
 Santo dos santos,
 Deus dos deuses,
 gozo, luz, medicina e vida:
 louvor a ti, com o Pai e o Filho,
 Espírito que dás a vida (*Spiritus alme!*). Amém.

Com uma reflexão elogiosa ao Espírito Santo, do autor, Guilherme de Saint Thierry, do século XII, o capítulo 20, “Faze que por teu intermédio descubramos o Pai – O Espírito Santo nos infunde o sentimento da filiação divina”, é encerrado: ⁶⁵

Apressa-te, pois, a participar do Espírito Santo
 Ele está presente quando invocado, e quando se invoca é porque
 já está presente.
 É o rio caudaloso que alegra a cidade de Deus.
 Ele te revelará aquilo que Deus Pai escondeu dos sábios e prudentes
 deste mundo.
 Deus é espírito, e como é necessário que aqueles que o adoram,
 o adorem em espírito e em verdade,
 assim também é necessário que aqueles que querem compreendê-lo
 e conhecê-lo, procurem só no Espírito Santo
 a inteligência da fé e o sentido da verdade para simples.
 Nas trevas e na ignorância desta vida, com efeito, para os pobres
 de espírito é Ele:
 a luz que ilumina, o amor que atrai, a suavidade que comove,
 o acesso do homem a Deus, o amor do amante, a devoção, a piedade.

O capítulo 21, “Dá-nos conhecer também o Filho – O Espírito Santo nos ensina a proclamar: Jesus é o Senhor”, é encerrado com a oração de Ruperto de Deutz, autor medieval, que já mencionamos anteriormente. Nesta se pede ao Espírito Santo que nos ajude a compreender integralmente o mistério de Cristo: ⁶⁶

Espírito Santo, meu Senhor e meu Deus,
 de ti veio o conselho da salvação humana.
 Do céu trouxeste Deus para o seio de uma Virgem.
 Tu és o amor pelo qual a Deus se uniu a nossa carne.
 Tu construiste para o Filho de Deus uma casa na mãe

⁶⁴ CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito – Meditações sobre o Veni Creator* – Editora Vozes - 2ª Edição – Petrópolis, RJ - 1998

⁶⁵ Ibid

⁶⁶ Ibid

erguida sobre sete colunas, que são os sete dons.
Da raiz de Jessé brotou a flor
sobre a qual Tu mesmo devias repousar.
Deus, com nossos próprio ouvidos ouvimos,
nossos pais nos contaram
a obra que fizeste,
quando, em línguas de fogo,
do trono divino desceste
para fazer da terra o céu e dos homens, deuses.
Desde então, nós, filhos adotivos, dispersos pelo mundo todo.
Abba! Pai! Por ti gritamos a Deus.
Grandes, Senhor, são tuas misericórdias.
Com renovada esperança, por elas eu te invoco:
selo da fé, advogado dos fiéis,
luz, fogo, e fonte da luz,
escuta quem te chama e vem.
Se fores o nosso guia,
a face do Pai veremos e ao mesmo tempo a do Filho,
e conheceremos a ti, que de ambos procedes,
fonte de vida e rio da paz.

CONCLUSÃO

“E recebereis o dom do Espírito Santo. Pois a promessa é para vós, para vossos filhos e para todos os de longe que o Senhor nosso Deus os chamar para si” (At 2,38-39).

Concluindo nossas considerações a respeito do Espírito Santo nos Evangelhos, na Patrística e nas fontes recentes, cientes de que seja um tema que não esgotamos as considerações, e que não se esgota todas as reflexões, pois é um tema extenso, abrangente e dinâmico, assim como é a ação do próprio Espírito. Fizemos uma reflexão sobre as questões históricas encontradas na Sagrada Escritura e avançamos até nossos dias com nossas experiências, mas as principais e mais densas colocações, estão baseadas nos documentos da Igreja e nos textos fundamentados sobre o tema.

As reflexões teológicas iniciais, passaram pelo Antigo Testamento, onde o Espírito não é entendido como Pessoa, mas sim como uma força de Deus que opera nas pessoas ou situações para sustentar todas as coisas no ser ou nos grupos. O Espírito era concedido não a todas as pessoas, mas somente para aqueles que iriam enfrentar alguma dificuldade, intervenção ou missão designada por Deus. No Novo Testamento, o Espírito Santo é revelado como pessoa, não com o título ou explicitamente, mas com ações que são próprias de pessoas. A primeira obra sobre o Espírito Santo é narrada no Evangelho segundo Lucas, logo no capítulo primeiro, com a anunciação do anjo Gabriel a Maria, onde após o sim de Maria, a concepção de Jesus, nosso Senhor e Salvador acontece por obra do mesmo Espírito. O Espírito Santo, permanecerá com Jesus, conduzindo seu caminho e dando a plenitude de seus dons.

Jesus vive toda sua vida pública ungido pelo Espírito Santo e, após o cumprimento de Sua missão aqui na terra, Jesus doa o Espírito Santo para seus discípulos conforme havia prometido, e que depois alcança através dos apóstolos a todas as nações que abraçaram o caminho da fé cristã. A Igreja que nasce em Pentecostes, é a grande obra do Espírito Santo, acolhendo e realizando o mandato de Jesus, para que todas as nações conhecessem a Ele e fossem seus discípulos.

Foi o Espírito Santo que no início da comunidade dos cristãos, proporcionou todas as condições para que o cristianismo avançasse, pois as perseguições e

dificuldades foram inúmeras, principalmente quando os cristãos eram lançados nas arenas para serem devorados pelas feras. Foi o Espírito Santo que fortaleceu os mártires, para que com suas próprias vidas manifestassem concretamente sua fé no Cristo.

Um relato do martírio de São Policarpo (Século II), nos ajuda a compreender sobre a conduta dos mártires nos primeiros séculos do cristianismo:

Felizes e generosos todos os mártires que surgem segundo a vontade de Deus. De fato, é necessário que tenhamos fé, para atribuir a Deus o poder sobre todas as coisas. Quem não admiraria a generosidade deles, a perseverança e o amor ao Senhor? Dilacerados pelos flagelos a ponto de se ver a constituição do corpo até as veias e artérias, permaneciam firmes, enquanto os presentes choravam de compaixão. A sua coragem chegou a tal ponto que nenhum deles disse uma palavra ou emitiu um gemido. Eles mostravam a todos nós que os mártires de Cristo não estavam em seus corpos, mas que o Senhor, aí presente, conservava com eles. Atentos a graça de Cristo, eles desprezavam as torturas deste mundo e adquiriram, em uma hora, a vida eterna. O fogo dos torturadores desumanos era frio para eles. De fato, tinham diante dos olhos escapar do (fogo) eterno, que jamais se extingue; com os olhos do coração olhavam os bens reservados à perseverança, bens que o ouvido não ouviu, nem o olho viu, nem o coração do homem sonhou, mostrados pelo Senhor àqueles que não eram mais homens, mas que já eram anjos. Do mesmo modo, os que foram entregues às feras suportaram suplícios terríveis. Estendidos sobre conchas, eram submetidos a todo tipo de tormentos, para que fossem induzidos a renegar, se possível, por meio de suplício contínuo.⁶⁷

O Novo Testamento em seus escritos, principalmente na obra lucana e também na obra paulina, trouxeram uma identidade diferenciada para o Espírito Santo, pois narraram de forma mais efetiva, Sua atuação e participação na vida das comunidades. As decisões passavam pela reunião dos grupos e o discernimento em conjunto com o Espírito Santo.

Este Espírito Santo que é a Terceira Pessoa da Trindade, foi compreendido de modo evolutivo nos primeiros séculos da era cristã. Somente após Concílio de

⁶⁷ Padres Apostólicos, FRANGIOTTI, Roque – Policarpo de Esmirna - p. 147-148 – tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin – São Paulo: Paulus, 1995 – Coleção Patrística.

Constantinopla (381) é que foi proclamado como Pessoa e, ainda assim, até hoje há discordância da sua processão, entre o Ocidente e o Oriente.

A relação entre as três Pessoas da Trindade é harmônica, complementadora, dinâmica, equilibrada e totalmente amorosa. É fonte de misericórdia para todas as pessoas que a ela recorrem. Não há conflito em suas relações e nada que possa desagregar ou limitar Seu amor inesgotável. O Prefácio da Missa da Solenidade da Santíssima Trindade afirma nossa compreensão sobre as Três Pessoas Divinas⁶⁸:

Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo o lugar, Senhor, Pai santo, Deus eterno e todo-poderoso. Com vosso Filho único e o Espírito Santo, sois um só Deus e um só Senhor. Não uma única pessoa, mas três pessoas num só Deus. Tudo o que revelastes e nós cremos a respeito de vossa glória atribuímos igualmente ao Filho e ao Espírito Santo. E, proclamando que sois o Deus eterno e verdadeiro, adoramos cada uma das três pessoas, na mesma natureza e igual majestade.

Embora haja uma teologia pneumatológica desenvolvida no curso da história, sobretudo, após o século IV, há um certo desconhecimento ou dúvidas de parte dos leigos com referência ao Espírito Santo. As orações dedicadas ao Espírito Santo não são totalmente conhecidas e, hoje temos muitos cantos populares trazidos pelos movimentos católicos, mas somente os adeptos desses movimentos é que sabem cantá-los, excessão aos que comumente são tocados nas Santas Missas, pois foram agregados a liturgia de forma paroquial particular.

O Espírito Santo, alma da Igreja, está presente em todos os momentos na vida da Igreja, Povo de Deus⁶⁹, inspirando decisões, fortalecendo posições, suscitando novas estruturas, abrindo caminhos e corrigindo desvios. Sua presença em nossas vidas deve ser permanente e nossa relação com o Espírito Santo precisa ser de intimidade e sem reservas. O Espírito Santo é o habitante de nossas almas e, maior intimidade que isso, não teremos, pois Ele nos leva à comunhão com o Pai e o Filho.

⁶⁸ MISSAL ROMANO, Prefácio da Missa da Solenidade da Santíssima Trindade – Disponível em: <https://hojeediadeliturgia.wordpress.com/2015/05/27/liturgia-da-solenidade-da-santissima-trindade/> - Acesso em 25 de Abril de 2023

⁶⁹ Concílio Ecumênico Vaticano II – Documentos – Constituição Dogmática *Lumen Gentium* – Capítulo II – O Povo de Deus - 1ª Edição – 2018 – Edições CNBB

BIBLIOGRAFIA

RIVAS, Luis Heriberto, *O Espírito Santo: nas Sagradas Escrituras*: Trad.: José Afonso Beraldin - São Paulo: Paulinas, 2ª ed. 2008. – (Coleção espírito e vida)

CANTALAMESSA, Raniero, *O canto do espírito: meditações sobre o Veni Creator* Tradução Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

BAUER, Johannes B., *Dicionário de Teologia Bíblica* São Paulo: 2ª Edição – Edições Loyola, 1979

BÍBLIA de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2003

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, São Paulo: Edições Loyola, 2000

CONCILIO VATICANO II, *Compendio do Vaticano II*, 29ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1991

MACKENZIE, John L., *Dicionário Bíblico*, (Tradução Álvaro Cunha ...et al; revisão geral Honório Dalbosco), São Paulo: Ed. Paulinas, 1983

BOFF, Lina, *Espírito e Missão na Obra de Lucas-Atos*, São Paulo: Paulinas, 2003 - 2ª Ed.

FRANGIOTTI, Roque, Coleção Patrística, *Basílio de Cesareia*, Tradução Monjas Beneditinas, São Paulo: Paulus, 1998.

FRANGIOTTI, Roque, *Padres Apostólicos*, Coleção Patrística, Policarpo de Esmirna Tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin, São Paulo: Paulus, 1995.